

Raul Leal

Arte, Filosofia e Vertigem

Organização
Maria Celeste Natário
Rui Lopo
Mário João Correia

Raul Leal

Arte, Filosofia e Vertigem

Organização

Maria Celeste Natário

Rui Lopo

Mário João Correia



TÍTULO

RAUL LEAL: ARTE, FILOSOFIA E VERTIGEM

ORGANIZAÇÃO

Maria Celeste Natário | Rui Lopo | Mário João Correia

CAPA: António J. Pedro

PAGINAÇÃO: Margarida Baldaia

© Edições Húmus e Autores

EDIÇÕES HÚMUS, LDA.

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Tel. + 351 926 375 305

E-mail: humus@humus.com.pt

www.edicoeshumus.pt

ISBN: 978-989-9275-68-3

IMPRESSÃO: Papelmunde – V. N. Famalicão

1.^a EDIÇÃO: Novembro 2025

DEPÓSITO LEGAL: 557117/25

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-9275-68-3/rau>

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UID/00502/2025 (DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/00502/2025>).

ÍNDICE

- 7 Prefácio. Raul Leal: o Arquivo da Vertigem
 Rui Lopo
- 11 Mistério trans-ontológico e Vertigem transcendente:
 Fernando Pessoa e Raul Leal
 Paulo Borges
- 25 Raul Leal e a erótica da linguagem no modernismo português:
 um outro *choque de civilizações*
 Duarte Drumond Braga
- 45 As cartas de Raul Leal para António Quadros, seu leitor e intérprete
 Rui Lopo
- 75 Ensaio sobre *O sentido esotérico da história*
 Filipe Cortesão
- 85 Análise da estrutura do pensamento de Raul Leal no artigo *Domínio das Elites*
 Luís Carlos Vicente Ramos
- 95 Referências Bibliográficas

Prefácio.

Raul Leal: O Arquivo da Vertigem

RUI LOPO

Autor de uma extensa obra inédita, participante de alguns dos mais importantes movimentos culturais do século XX português, Raul Leal (1886-1964) apresenta uma obra de teatro, crítica musical, literária e plástica, poesia e filosofia de difícil classificação. Entre 1908 e 1913 publica *A situação do Estudante em Portugal*, *A Interpretação da Apassionata de Beethoven por Viana da Mota*, e a *Liberdade Transcendente*. Uma leitura apressada faria pensar que estamos apenas perante um crítico, um pensador de índole política ou um teorizador do conceito metafísico de *liberdade*, ferozmente criticado por Leonardo Coimbra nas páginas de *A Águia*. A sua participação em *Orpheu* com a novela *Atelier* e em *Centauro* com *A aventura de um Satyro ou a morte de Adónis* faria pensar que estamos perante um cultor do conto simbolista, leitor de Huysmans, Balzac e Wilde. Mas Leal surpreende o seu leitor constantemente.

A celebridade que o caso de *Sodoma Divinizada* lhe valeu e o facto de ter sido editado e defendido das críticas por Fernando Pessoa tem impedido a sua leitura desligada desse episódio. Na geração que lhe sucedeu, vários reconheceram-no como um pioneiro do modernismo em Portugal. Convidam-no para a *Presença*, mas a consagração que lhe era devida foi por si mesmo sabotada pela publicação do provocante texto *A Virgem Besta*, que contribuirá para uma controvérsia entre o corpo editorial e o seu futuro afastamento do projecto coimbrão. Nessa revista divulgou ainda alguma da sua poesia em língua francesa, os *Psaumes*, que parecem antecipar a linguagem da *abjecção*, que uma geração mais tarde o fará ser de novo reconhecido e integrado no grupo de segunda vaga surrealista do Café Gelo e da sua revista *Pirâmide*, onde volta a editar excertos destes para-bíblicos poemas de língua francesa. Pelos mesmos anos em que Luis Pacheco lhe reedita a *Sodoma Divinizada*, na sua Contraponto, colabora com o grupo do *Tempo Presente*, onde revela alguns dos seus textos éditos dispersos mais emblemáticos como *As tendências orfaicas e o saudosismo* ou a peça de teatro de um género novo, que designamos

como antecipação autobiográfica *O Incompreendido*. Apesar de a publicar tardiamente data-a de 1912. O seu conteúdo apresenta o personagem principal como um jovem filósofo, autor de uma proposta teórica inovadora que é vítima de uma incompreensão social tal que o coloca às portas da loucura.

Grande epistológrafo por divulgar, correspondeu-se profusamente com Marinetti e Aleister Crowley, Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, Adolfo Casais Monteiro, José Régio e João Gaspar Simões, Jorge de Sena, Álvaro Ribeiro e António Quadros. Raul Leal ou participou ou dialogou com o primeiro e o segundo modernismo, com o futurismo, com o saudosismo, com a *filosofia portuguesa* e com o surrealismo: a todos ia anunciando a sua teorização, rica em antíteses, arredia a definições, explosiva de *ismos* e superadora de quaisquer parcelaridades: vertiginica, fusionista, paracletiana.

Raul Leal viu na *poética da expressão*, anunciada por Régio e outros presencistas, uma oportunidade para apresentar a sua proposta de uma *hiperestética*. Passou pelo grupo de *Portugal Futurista* propondo um manifesto original baseado na interpretação da Obra dos artistas plásticos portugueses, como Santa-Rita Pintor, defende a imbricação de todas as artes e procura atribuir ao futurismo uma dimensão metafísica, desligada da sua coeva neofilia tecnocientífica, de que se afasta decididamente. Aliás, denunciou na revista *Contemporânea* a *Derrocada da técnica* em sua unilateralidade omniabsorvente. Aí, sempre a par de Pessoa, entende o *contemporâneo* não como uma escola estética ou um período artístico, mas como uma atitude mental que em si integra, contém e sintetiza o romântico, o clássico e o moderno, sem os anular em suas contradições e entreacções. Irá propor em política a *fusão absoluta de todas as ideologias* e procurará levar a heteronímia a um novo patamar de radicalidade. *Sentir tudo de todas as maneiras* seria insuficiente para este pensador que queria *ser tudo* em Vertigem, entendendo todas as correntes filosóficas não como processuais etapas que se pudessem superar, mas como instâncias necessárias do nosso espírito que em todas se aglutina, dá, ocorre e dissipa.

Raul Leal: Arte, Filosofia e Vertigem apresenta um conjunto de estudos dedicados à Obra de Raul Leal. É visível ainda a pouca acessibilidade dos seus textos dispersos e inéditos, o que levou os autores destes estudos a percorrer arquivos e a repescar textos esquecidos. Este volume surge na sequência da organização do seminário de Filosofia e Literatura e do Grupo de Investigação *Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal*, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, que promoveu em 2023 a edição do conjunto de dispersos e inéditos *Raul Leal: Leitor de Fernando Pessoa, Leitor de Si Mesmo ou A Criação do Futuro*. Este volume vem assinalar a necessidade de prosseguir o estudo e edição de um pensador desconhecido cuja obra prefigura, contém e acompanha algumas das mais originais criações contemporâneas.

Mistério trans-ontológico e Vertigem transcendente: Fernando Pessoa e Raul Leal

PAULO BORGES*

Introdução

Uma das experiências mais recorrentes no pensamento e obra de Fernando Pessoa é a do mistério da existência, que designamos como trans-ontológico, pois o que em última instância *é* não só é mais-que-ser («ultra-ser», como veremos), mas transcende a dualidade e antinomia entre existir e não-existir, ser e não-ser, escapando a toda a apreensão e articulação na esfera categorial, conceptual, verbal e imagética. É nesse sentido que é propriamente um *mistério*, com um cunho *místico*, pois, como indica a comum raiz destas duas palavras no *muéin* grego, implica uma suspensão e silenciamento do ver e do dizer¹ que é iniciação a uma experiência sem um conteúdo discernível, que se possa circunscrever pelo pensamento, pela imaginação ou pela palavra, o que a mostra em última instância inefável². A essência dos Mistérios gregos, como os de Elêusis, como aponta Aristóteles recordado por Eudoro de Sousa, é que «os iniciados não são submetidos a qualquer ensinamento (*matheîn*), mas a uma experiência (*patheîn*), mediante a qual adquirem certa disposição de ânimo, previsto que para tal se tenham tornado aptos»³. O objectivo

* Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa; pauloeborges@gmail.com; <https://paulo-borges.com>.

1 Cf. R.H. JONES, *Philosophy of Mysticism. Raids on the Ineffable*, State University of New York Press, Albany 2016, p. 1; J.M. VELASCO, *El Fenómeno Místico. Estudio comparado*, Editorial Trotta, Madrid 2003, pp. 19-20.

2 W. JAMES, *The Varieties of Religious Experience. A Study in Human Nature*, Prometheus Books, New York 2002, p. 380; JONES, *Philosophy of Mysticism*, op. cit., pp. 204-208; R.H. JONES, *A History of Mysticism*, State University of New York Press, Albany 2024, p. 16.

3 Cf. Aristóteles, *De Philosophia*, frag. 15, ed. Ross, in E. DE SOUSA, *História e Mito*, in *Mitologia. História e Mito*, apresentação de C.M. César, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2004, p. 330.

deste estudo é ver como esta experiência se articula com aquela que Raul Leal, um dos mais próximos amigos, interlocutores e leitores de Fernando Pessoa e seu companheiro na geração de *Orpheu*⁴, designou como «Vertigem transcendente» e assumiu como cúspide do seu pensamento que consideramos anagógico, na medida quem se exerce visando a sua auto-superação numa experiência trans-discursiva.

Mistério trans-ontológico e Vertigem em Fernando Pessoa

Já tivemos oportunidade de comentar desenvolvidamente o poema sem título de Álvaro de Campos⁵ onde o mistério de «haver ser» ou de «haver uma realidade» é a «única realidade terrível» que permeia tudo e faz da existência de tudo um «abismo» incontornável e difícil de suportar, talvez por ser metáfora de um espaço aberto e sem contornos, ilimitado, insondável e, enquanto tal, impenetrável e irredutível a qualquer princípio de razão e inteligibilidade, frustrando tanto a comum necessidade humana de fundamento e delimitação como de conhecimento e segurança. Toda a existência é abissal «por simplesmente ser», «poder ser» e «haver ser». «Haver ser» é (res)sentido assim como um «horrível ser» que, num primeiro momento, «empequena» ou reduz à insignificância tudo quanto os humanos dizem, fazem ou desfazem ou através deles se faz ou desfaz, mas, no seguinte momento dialéctico da experiência, transforma todas as instâncias do real, desde as empíricas às metafísicas, «em outra coisa», «numa só coisa tremenda e negra e impossível», o que entendemos como o próprio mistério abissal inerente a todo o existir e suas múltiplas modalidades. É essa «outra coisa», na verdade uma não-coisa, dada a sua inapreensibilidade e inefabilidade, que está em tudo e para além de tudo como a fonte primeira de tudo, sejam «deuses»,

4 Cf. R. LOPO, «Raul Leal: leitor de Fernando Pessoa, leitor pessoano, leitor de si mesmo», in R. LOPO – M. C. NATÁRIO – R. EPIFÂNIO (org.), *Raul Leal: Leitor de Fernando Pessoa, Leitor de Si Mesmo ou a Criação do Futuro. Textos sobre e para Fernando Pessoa*, U.Porto Press, Porto 2023, pp. 15-53.

5 P. BORGES, «Mistério trans-ontológico e transfiguração do mundo em Álvaro de Campos», in *Do Vazio ao Cais Absoluto ou Fernando Pessoa entre Oriente e Ocidente*, Âncora Editora, Lisboa 2017, pp. 73-82.

«Deus», «Destino», «ser» ou «seres», sendo o que subsiste «através de todas as formas» e «vidas, abstractas ou concretas, / Eternas ou contingentes, / Verdadeiras ou falsas!». Esta «outra coisa» / não-coisa – aqui tematizada como uma instância nocturna, que escapa ao exercício apolíneo da razão – é o inconceptualizável e irreificável que fica sempre de fora de toda a compreensão, pois a apreensão de tudo não logra «explicar por que é um tudo» e «porque há qualquer coisa». É este dado incontornável de toda a experiência como irreduzível a todo o limite e a todo o conhecimento, é este incoordenável e inarticulável radical que Álvaro de Campos designa apofaticamente como «ultra-ser» e cuja abissalidade abre uma insanável ferida de infinito no seio da inteligência e da existência, eludindo toda a possibilidade de autofundação do ser e do pensar num terreno sólido e firme, autárquico e substancial.

Confrontado com a inscrição de toda a existência, de si e do mundo, num espaço abissal, incircunscrito, indeterminado e sem referências, que vislumbramos como o infinito, o sujeito poético sente que a «inteligência» se lhe converteu num «coração cheio de pavor», treme com as suas ideias e consciência de si e a sua «substância essencial» é o próprio sufocar «de incompreensível» e esmagar-se «de ultratranscendente». O mistério abissal abre-se no íntimo do ser, da consciência e do pensar sem evasão, pacificação e consolo possíveis, inscrevendo o «medo», a «angústia» e o «perigo» do «ultra-ser» como o incontornável da existência, da vida e da mente: «E deste medo, desta angústia, deste perigo do ultra-ser, / Não se pode fugir, não se pode fugir, não se pode fugir!»⁶.

Interrogando se não há libertação possível do «Cárcere do Ser» e do «pensar», Campos responde que não, que «nem morte, nem vida, nem Deus» oferecem qualquer emancipação do mistério abissal, trans-ontológico, inerente a «haver ser» ou «qualquer coisa». A razão é que os humanos são «irmãos gémeos» do «Destino» e «dos Deuses todos» no que respeita ao existir, que em todos é igualmente abissal, impenetrável e transcendente. Todos os entes, humanos ou divinos, são assim

6 Á. DE CAMPOS, «Ah, perante esta única realidade, que é o mistério», in F. PESSOA, *Obra Poética e em Prosa*, I, introduções, organização, biobibliografia e notas A. Quadros e D. Pereira da Costa, Lello & Irmão – Editores, Porto 1986, pp. 1018-1019. Cabe notar como esta impossibilidade de evasão se cruza com a reflexão de Emmanuel Lévinas em *De L'Évasion*, intro. e notas J. Rolland, Fata Morgana, Paris 1982.

«o mesmo abismo», havendo sempre em todos, sombrios ou luminosos, «a mesma noite». Existir é neste sentido «ser inconsciente, porque existir é ser possível haver ser, / E ser possível haver ser é maior que todos os Deuses», sendo irredutível a toda a determinação e ordem de razões, causal, final ou outra, do *cogito* humano ou divino⁷.

Esta abissalidade trans-ontológica do existir tem abissais consequências no que respeita à experiência dos entes intra-mundanos quotidianos e à relação com a morte. É que, dado que o «haver ser» e existir de tudo é por igual radicalmente abissal, sendo tudo «o mesmo mistério», os mínimos objectos que diariamente manuseamos – como, nos exemplos dados, «A pena em que pego, a letra que escrevo, o papel em que escrevo» – não «São mistérios menores que a Morte». Surge assim a possibilidade de uma profunda reviravolta da mente convencional ao contemplar que, se afrontamos inconscientes, sorridentes e confiantes a «vida», com a inerente «incerteza da sorte» e a «possibilidade quotidiana de todos os males», se lidamos inconscientes com o «mistério de todas as coisas e de todos os gestos», porque não haveremos de afrontar, com o mesmo sorriso e inconsciência, a «Morte»? Se a ignoramos, o que é que não ignoramos? Se é o desconhecido, o que há de conhecido⁸? cremos ficar aqui implícito e informulado o reverso deste argumento interrogativo: se tememos a morte, por ser o desconhecido, porque não tememos e trememos – como acontece com o poeta-pensador a partir do momento em que apercebe o abismo em tudo – perante as mínimas coisas da vida e da existência quotidiana, pois de todas e cada uma delas é inseparável o mistério «terrível» e «horrível» de «haver ser»? É num sentido convergente que Teixeira de Pascoaes declara que, se víssemos «as cousas e os seres» na sua verdade, livres das «pequenas formas limitadas» em que os nossos olhos as «encarceram», «A presença duma árvore petrificar-nos-ia, de repente!»⁹.

O poema de Álvaro de Campos conclui destacando que «tudo é inconsciência», pois o próprio haver consciência e criação supõe o «existir» e «existir é ser inconsciente, porque existir é ser possível haver

7 Cf. CAMPOS, «Ah, perante esta única realidade...», op. cit., pp. 1019-1020.

8 CAMPOS, «Ah, perante esta única realidade...», op. cit., p. 1020.

9 Cf. T. DE PASCOAES, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, *Obras Completas*, intro. e ed. J. do Prado Coelho (*Obras Completas*, IX volume, Prosa III), Livraria Bertrand, Lisboa 1973, p. 120.

ser, / E ser possível haver ser é maior que todos os Deuses¹⁰». Se o viver consciente radica num incontornável fundo de inconsciência que iguala humanos e animais não-humanos, a consciência disso é, todavia, possível e a composição traz consigo e suscita a experiência de um despertar para o abismo que é o fundo sem fundo de toda a experiência possível, existencial, mental ou outra, com todo o desassossego inerente a esta ordem de experiências em Fernando Pessoa.

Cabe notar que, se a tematização da experiência do mistério da existência atravessa muitas e significativas páginas da obra pessoana, delas se destaca o drama *Fausto*, onde avulta o tema de haver algo para além dos pares de opostos e antinomias que estruturam o pensamento e a vida humanos, como «morte» e «imortalidade», «vida e morte», «ser, não ser», «Céu» e «inferno». É o que aqui designa como «Um Inominável supertranscendente / Eterno incógnito e incognoscível», que não é redutível a «Deus». Isto exige que o «pensamento» vá «mais além» e se abra à experiência do «horror» que transcende o próprio «mistério dos olhos e do olhar / Do sujeito e do objecto» e entre no «mudo / Sentimento de se desconhecer» e na «comoção» que vem de «sentir a loucura do vazio». O «horror» acompanha a incompreensão da «existência» e a visão do «perene mistério» que atravessa tudo¹¹. Isto conduz, numa experiência vivida no limiar da saída da infância, à sensação do desaparecimento da paisagem contemplada num «abismo invisível» que se lhe substitui, não objectivamente, mas no modo como se pensa o visível. Esta foi a «primeira visão interior / Do mistério infinito», que instala doravante o «horror supremo» na vida¹². O «mistério» passa então a habitar constantemente a alma, desinquietando o espírito que medita e remói a «ilusão do pensamento», sentindo a crescente abertura de um mais fundo «abismo» entre o sujeito e si mesmo no qual «não há nada»¹³.

O corolário desta alteração do estado habitual de consciência por iniciação a uma experiência vazia, sem determinações nem conteúdos, é, em profunda convergência com o poema de Álvaro de Campos, o vislumbre

10 CAMPOS, «Ah, perante esta única realidade...», op. cit., p. 1020.

11 Cf. F. PESSOA, *Fausto. Tragédia subjectiva (Fragmentos)*, estabelecimento do texto, ordenação, nota à edição e notas T. Sobral Cunha, pref. E. Lourenço, Editorial Presença, Lisboa 1988, p. 7.

12 Cf. PESSOA, *Fausto*, op. cit., p. 8.

13 Cf. PESSOA, *Fausto*, op. cit., pp. 8-9.

de que o «mistério» único e supremo do universo «É haver o universo, qualquer cousa, / É haver haver»¹⁴. Isto é uma imersão numa «negra e lúcida verdade» que escapa «às almas / Que na luz concebem», não suspeitando a «escuridão / Das cavernas da alma» onde a «existência íntima» se transfigura, assumindo «outra forma, outro ser e outro [...]» (o texto está inacabado)¹⁵. Curiosamente, esta experiência leva a uma absorção sentida como um não poder tirar de si os olhos ou não poder tirar os olhos da alma de si mesma, confessando que a absorção em si e no universo, no universo e no mistério e em si sentindo o universo e o mistério apaga «Humanidade, vida, amor, riqueza»¹⁶.

Estabelecendo a ponte entre a experiência abissal de Pessoa e a de Raul Leal, cabe notar, no *Livro do Desassossego*, como a descrição da descoberta de não ser «Ninguém, absolutamente ninguém», leva Bernardo Soares a descrever a sua alma como «um maelstrom negro, vasta vertigem à roda de vácuo, movimento de um oceano infinito em torno de um buraco em nada», no qual o «eu» é, na verdade, «o nada em torno do qual este movimento gira, só para que gire»¹⁷. A vertigem turbilhonante desvela-se aqui no íntimo do próprio sujeito, experienciado como uma ausência de determinações em torno da qual gira todo o mundo fenomenal, o que o leva a dizer ser «o centro que não há nisto senão por uma geometria do abismo»¹⁸.

Esta experiência é *vertiginosa*, pois nela se tende a perder os limites da percepção habitual que temos do existir e dos existentes, a percepção convencional de si, dos outros e do mundo. “Vertigem” vem do latino *vertigo*, do verbo *vertere* (gitar), que por sua vez deriva da raiz proto-indo-europeia **wer*, com o sentido de “gitar, curvar”. A experiência da vertigem pode ser induzida por um rodopiar acelerado do corpo sobre si mesmo, que desfaz a aparente estabilidade visual da percepção das formas de si e do mundo, mas pode designar também a desestabilização mental dos conceitos usuais que conduzem a uma solidificação da percepção do real como um conjunto de entidades discretas, atomizadas e

14 PESSOA, *Fausto*, op. cit., p.11.

15 PESSOA, *Fausto*, op. cit., pp. 12-13.

16 PESSOA, *Fausto*, op. cit., p. 12.

17 Cf. SOARES, *Livro do Desassossego*, ed. R. Zenith, Lisboa 1998, pp. 257-258.

18 Cf. SOARES, *Livro do Desassossego*, op. cit., p. 258.

distintas, aparentemente encerradas nos limites das suas formas. Teixeira de Pascoaes surpreende precisamente a «vertigem» inerente ao «delírio de ritmos» da «criação», vista, à transparência da aparente substancialidade e solidez das suas formas, como uma «estátua de pó, turbilhonante, [...] assente sobre o Nada e o Sonho»¹⁹.

A experiência da vertigem surge, em várias modalidades, como um universal da experiência humana, porventura desde tempos tão recuados como o Paleolítico Superior, de acordo com a tese de que a sua arte procederia da inscrição nas paredes das grutas de imagens inerentes a experiências de alteração da consciência onde a neurociência contemporânea encontra, numa fase de mutação dos fenómenos entópticos percebidos por muitas pessoas, «um vórtice rodopiante ou túnel giratório que parece rodeá-los e atraí-los para as suas profundezas», o que por vezes dá lugar a uma metamorfose radical da percepção de si mesmo, em que os sujeitos se vêem e sentem transformados em animais²⁰. Um «vórtice» (*díne*) também é referido por Aristóteles como a possível causa do processo de diferenciação originária do *apeiron*, o «infinito» ou «indefinido», em Anaximandro²¹, sendo convergente o fragmento de Demócrito que declara que «um vórtice se separou do todo»²². Um «vórtice» cosmogónico também é central em Empédocles²³. É curioso notar que o «vórtice» que a filosofia grega pré-socrática vislumbra na origem do mundo fenomenal é por sua vez, num aforismo célebre do *Yoga-Sūtra* de Patañjali, apontado como inerente aos *vr̥tti* – os «turbilhões» – da mente que o *yoga*, enquanto prática meditativa e contemplativa, visa precisamente cessar – *yogaś-citta-vr̥tti-nirodhaḥ*²⁴ –, de modo que a realidade seja vista tal como é e não alterada pela agitação e condicionamento dos fenómenos mentais.

19 Cf. T. DE PASCOAES, *Verbo Escuro*, in *Verbo Escuro. A Beira (num relâmpago)*, (Obras Completas, VII volume), Livrarias Aillaud & Bertrand, Paris-Lisboa s. d., pp. 44-45.

20 Cf. D. LEWIS-WILLIAMS, *The Mind in the Cave. Consciousness and the Origins of Art*, Thames and Hudson, London 2016, pp. 128-130.

21 Cf. Aristóteles, *De Caelo* B 13, 295 a 7, in G. S. KIRK – J. E. RAVEN – M. SCHOFIELD, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, trad. C.A. Louro Fonseca, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1994, p. 127.

22 Cf. Demócrito, fr. 167, in KIRK – RAVEN – SCHOFIELD, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, op. cit., p. 132.

23 Cf. Empédocles, fr. 35, Simplicio, *De Caelo* 529, 1, in *Phys.* 32, 13, in KIRK – RAVEN – SCHOFIELD, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, op. cit., p. 310.

24 Cf. PATAÑJALI, *Yoga-Sūtra*, 1.2, trad. e com. G. Feuerstein, Inner Traditions International, Rochester 1989, p. 26.

A Vertigem Transcendente em Raul Leal

Antecipada em várias instâncias do pensamento mundial, bem como em Pascoaes e Pessoa, a fecundidade da experiência da vertigem, que a converte num fundamental conceito-imagem operativo, é plenamente assumida por Raul Leal, pensador controverso cujo «systema» – o «fusionismo transcendente» – Fernando Pessoa considerou dotado de «intima e original riqueza substantiva» envolta na sua própria «linguagem confusa, perplexa, propriamente e explicavelmente *vertigica*»²⁵. Pessoa define aliás deste modo, extremamente sugestivo, a «philosophia de Raul Leal»:

É um systema que não é já, propriamente, uma philosophia: transcende a filosofia. Mas, como é, apesar de tudo, philosophia, é a philosophia transcendendo-se a si-propria²⁶.

Num ensaio filosófico de 1913, *A Liberdade Transcendente*, no qual concentraremos a nossa exposição, Raul Leal apresenta uma via de pensamento que designa como «*Vertiginismo Transcendente*»²⁷. A sua proposta é ir além da aparente definição, individualização e isolamento dos fenómenos e das coisas, que se objectivam, parecendo existir em si, exterior e substancialmente, sempre que o espírito não apercebe toda a «actividade intima» que lhes é inerente e que, sempre que «intimamente sentida», se torna «a nossa própria actividade intima»²⁸. Uma vez reconhecida, todavia, a «Actividade Pura» inerente ao «Infinito», desvela-se o fundo contínuo, «transcendente, espiritual, [...] inespaçial e intemporal» que subjaz à sua aparente limitação temporal e extensão espacia²⁹ nos fenómenos do mundo. É esta «a actividade infinita,

25 F. PESSOA, *Sensacionismo e Outros Ismos*, ed. J. Pizarro (*Edição Crítica de Fernando Pessoa*, vol. X), Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2009, p. 320.

26 F. PESSOA, *Sensacionismo e Outros Ismos*, op. cit., p. 319.

27 Cf. R. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, 1913, in M.J. GANDRA (org.), *Profética Lusíada. A Idade Paracletiana*, Manuel J. Gandra – Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, Lisboa 2020, p. 33.

28 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 31-32.

29 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 33-34.

infinitamente vertiginosa, que tudo confunde, que tudo transcendentiza no Espírito»³⁰, cuja essência é a própria «Vertigem Transcendente» que em si indefine as ideias dogmatizadas e objectivadas que procedem do que o filósofo designa como a «vagificação» da Actividade originária, significando com este termo que esta actividade se torna tanto mais vaga, ou seja, tanto menos aparente, quanto mais se limita na transição do seu «Indefinido Puro» para a definição das coisas e das ideias³¹. O «Espírito» é assim a «Vertigem» que transcende todas as antinomias, como fenómenos e númenos, relativo e absoluto³², sendo a «transcendente vertigem convulsiva da Existência» na qual em última instância se supera a própria distinção entre «indefinido» e «definido». Todos os aspectos da existência vivem numa labiríntica e complexa dialéctica de atracção e luta que os confunde e interpenetra numa «Ansia» que é a própria «Vertigem»³³, distinta da «ansia duma coisa por outra»³⁴.

Na visão e sistema de Raul Leal a Vertigem é a própria divindade que, pensada em confronto com a definição, é o «indefinido Absoluto», sem «atributos definíveis» e que em si tudo indefine, confunde e consubstancia. Parecendo o «Nada», «não tem caracter», o que entendemos como não ter características, o que se estende às «supostas criaturas», as quais, absoluta e eternamente «n'Ele fundidas», também são livres de características definidoras, «sendo cada uma Deus que é tudo, o Indefinido»³⁵. Este Deus-Vertigem é uma «Ansia» e «Convulsão Pura», «Infinita» e «Transcendente» na qual se harmonizam absoluta e transcendentemente as actividades de atracção e repulsa que animam e movem tudo³⁶, como numa união conciliadora dos dinamismos que Empédocles pensou como «Amor» e «Discórdia»³⁷.

Se Deus é designado como o «Indefinido Transcendental», Leal tem o cuidado de o distinguir do «indefinido» comum, do «nada» e da

30 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 35.

31 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 36.

32 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 39.

33 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 86.

34 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p.115.

35 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 92. Cf. também pp. 93 e 98.

36 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 99.

37 Cf. Empédocles, fr. 17, 1-14, Simplicio in *Phys.* 158, 1, in KIRK – RAVEN – SCHOFIELD, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, op. cit., pp. 300-303.

«inexistência», sendo na verdade a transcendência do indefinido e do definido ou o «Infinito»³⁸, que é «indeterminável por ser indelimitável», o que o torna irreduzível à e inapreensível pela «razão determinadora», sendo a Vertigem a «suprema imprecisão» «ultra-razional das cousas mergulhadas no infinito de Deus»³⁹. É neste «Infinito» ou «Imensidade» que cada «eu» se funde e compenetra, no que o pensador designa, oscilando em termos conceptuais e de linguagem, como um estatuto transcendental ou transcendente de si, que o leva num sentido a afirmar que só o seu «eu» existe e tudo nele «absolutamente se confunde», para depois esclarecer que essa «existência transcendente» é igualmente uma «complexidade transcendente», na qual a existência única do eu é equivalente à existência de uma «imensidade de cousas». Num ponto aparentemente mais obscuro da sua visão, decorrente de tentar expressar nos quadros necessariamente delimitadores da linguagem um pensamento e uma experiência que os excedem, parece afirmar que, se tudo está em Deus e Deus está em tudo, tudo está em tudo e cada eu está em todos os demais, pois o Infinito-imensidade em que tudo se enraíza é «a mesma Imensidade»⁴⁰. Nada é assim definível nem compreensível no «labirintismo vertigico» em que «toda a Existência Transcendente» ou «Deus se debate»⁴¹. Dialogando com os possíveis de Leibniz, declara que todos «se continuam absolutamente», sendo cada um o próprio «Infinito» ou a «Vertigem infinita», pois há uma continuidade sem ruptura entre Deus e «as suas supostas criações», que nele existem assim eternamente⁴². Note-se a insistência em falar de «supostas criaturas»⁴³ e «supostas criações», o que indica o vislumbre de uma verdade mais funda, não-dual, subjacente à distinção entre criador e criatura da visão criacionista convencional. No plano fenomenal, isto conduz Leal a afirmar que cada fenómeno é «tudo» e todos os demais fenómenos, sendo simultaneamente

38 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 100.

39 Cf. R. LEAL, *Sodoma Divinizada. Leves reflexões teometafísicas sobre um artigo*, 1923, in GANDRA (org.), *Profética Lusíada*, op. cit., p. 191.

40 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 101. Cf. também R. LEAL, *Super-Estado*, 1935, in GANDRA (org.), *Profética Lusíada*, op. cit., p. 265.

41 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 101.

42 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 101-102.

43 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 92.

causa e efeito «de todos os outros», o que designa ainda como uma «consubstanciação absoluta»⁴⁴.

Se a concepção lealina da «Vertigem» como «Actividade» se afasta da noção espinosiana de substância para se assumir mais afim à noção leibniziana de força, afasta-se por sua vez da monadologia leibniziana na medida em que esta não incorpora o «unisubstancialismo» de Espinosa, fixando-se dogmaticamente na substancialidade das mónadas. Já na «Vertigem» de Leal se afirma a «liberdade transcendente», incompatível com qualquer «substancialismo» e «definismo», na qual todas as «concepções definidas» e «dogmáticas» «devem desaparecer completamente», não em prol do cepticismo – ou do «nada» anulador de tudo⁴⁵ –, mas do «vertiginismo» onde coexistem eternamente, livres de qualquer definição e igualmente valiosas, «todas as manifestações possíveis» do Espírito enquanto Vertigem transcendente e sublime⁴⁶. Isto conduz o pensador ao arroubo anagógico, que considera distinto do «deprimente misticismo», onde a elevação espiritual se concilia com um «egotismo superior, hiperestético», ou «egotismo puro»⁴⁷, no qual proclama:

Somos a Força, o Infinito! Somos Deus... Toda a Ansia Transcendente e transcendentemente labirintica e transcendentemente convulsiva, vertigica está em nós! Somos a Vertigem⁴⁸...

Esta identidade com a «Actividade Vertigica» inere a uma esfera transcendente «de toda a nossa fenomenologia psicológica» que, todavia, a continua a nível superior. É no extremo dessa continuidade que o «vago religiosismo das nossas almas», ou seja, a «Vertigem latente», se apercebe e nos leva a sentir-nos «a Vertigem, a Existencia Pura, a Pura Convulsão, Convulsão Transcendente e Infinita, Deus!...», tornando-nos «absolutamente fortes» e «poderosos»⁴⁹. Mais verdadeiro do que dizer que «Deus está em nós» é assim dizer que «nós

44 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 103.

45 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 121 e 150.

46 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 106-107.

47 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 108.

48 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 108.

49 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 115.

somos Deus», mas o «Deus absolutamente convulsivo» que Leal vê como «fusão» e «transcendentalização do Deus da Bondade, da Harmonia e de Satan»⁵⁰. Esta experiência de ser Deus, que é a da própria «Liberdade Transcendente», atinge-se na «Morte», entendida como a «mais alta morte» ou «estado mais sublime do Espírito» em que se dá, simultaneamente, a «consciência plena» e transcendente da «Vertigem essencial do eu» e de tudo. Aí se transcende, afinal, a «nossa própria personalidade» e o «nosso eu», gozando-se o «eterno prazer transcendente e convulsivo do Espírito e da Vertigem» que, na sua existência eterna, transcendem todas as noções e ações definidas pelos conceitos antinômicos, como bem e mal, justiça e injustiça, belo e horrível⁵¹. No que também designa como a «Morte Pura», o eu transcende-se no seu acume vertiginoso, numa «compenetração absoluta» em que se abandona definitivamente «toda a vagificação do Espírito, a fictícia matéria», para se viver exclusivamente do «Espírito Puro» no seu puro e indefinido «convulsionismo»⁵², também designado como o «Cáos» ou «Vertigem Transcendente» no qual se fundem e mutuamente se transcendem todas as aparentes antinomias, incluindo a que se constitui entre «Harmonia» e «Caos»⁵³.

Raul Leal conclui esta odisseia vertiginosa do pensar num registo que evoca uma orientação análoga em Fernando Pessoa, quando nacionaliza o programa sensacionista de sentir «tudo de todas as maneiras» e «ser *tudo* e todos»⁵⁴ na visão do Quinto Império como o futuro de Portugal, cujo destino seria precisamente «sermos tudo»⁵⁵. Também Raul Leal nacionaliza o vertiginismo da sua visão, considerando ser «sobretudo em Portugal» que o «espírito vertigico domina nos tempos modernos», sendo o povo onde mais avulta, não a mística dissolução da personalidade,

50 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 131.

51 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 131.

52 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 132.

53 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 147-148.

54 Cf. PESSOA, *Sensacionismo e Outros Ismos*, op. cit., p. 149.

55 Cf. F. PESSOA, «Entrevista a A. A. Martins», *Revista Portuguesa*, 23-24 (Lisboa, 13-10-1923), in PESSOA, *Obra Poética e em Prosa*, op. cit., pp. 703-704. Rui Lopo nota que um dos parágrafos do texto desta entrevista foi significativamente retirado de um texto anterior, «inicialmente pensado a partir de e para Raul Leal». LOPO, «Raul Leal: leitor de Fernando Pessoa...», op. cit., pp. 42-43.

mas um «egotismo espiritual, transcendente que vai além da própria personalidade» (enquanto o «misticismo» estaria «aquém dela») e se exprime na «Vertigem Transcendente». Constatando, contudo, que os portugueses não têm a consciência «do vertiginismo que anima a sua alma essencialmente transcendente», assume como sua missão despertá-los para tal, bem como «Elevar a humanidade toda à espiritualidade lusitana». Como corolário disto, proclama que «elevar assim todo o Homem ao Transcendental Vertigico, á Vertigem Pura, é o destino sublime que a mim próprio impuz!...». Com isto declara preparar «o advento do Hiperesteta» que se sentirá a própria «Convulsão Pura», preparando, para a humanidade e para si, «a mais sublime morte», «a Morte transcendentemente vertigica»⁵⁶. No mesmo espírito de proclamação profética conclui:

O genio de Kant e Nietzsche transcendentalizado pelo espirito de Schumann elevado á Liberdade Pura dos portugueses animará o Futuro que se ha-de abrir para a Humanidade!⁵⁷...

Não nos deteremos aqui nas questões levantadas por esta aparente assunção de uma visão e experiência pessoal como característica geral e essencial dos portugueses, operada por Fernando Pessoa e Raul Leal, mas também ocorrente noutros autores que pensaram o cerne da cultura portuguesa, como Teixeira de Pascoaes e Agostinho da Silva. Apenas notamos que, se por um lado isto pode ser visto como uma problemática projecção da subjectividade individual no ser e devir de um dado colectivo, há por outro lado que considerar que estes autores assumem a constituição da sua visão e pensamento como inseparável da busca de desvendar e interpretar o sentido mais fundo do ser e devir do povo e da cultura portugueses.

56 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., pp. 150-151.

57 Cf. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, op. cit., p. 151.

Conclusão

Num breve balanço final da relação entre os dois autores em torno dos temas escolhidos, se a experiência do Mistério trans-ontológico desoculta em Álvaro de Campos um abismo insondável em toda a configuração da existência e da consciência, que abre em Bernardo Soares um vazio vertiginoso na experiência de si como um «nada» em torno do qual todo o mundo fenomenal gira, já em Raul Leal a Vertigem é a própria actividade originária subjacente ao mesmo mundo fenomenal, mas que, na medida em que não for reconhecida, na sua aparição se dilui e materializa (o que designa como a sua «vagificação»), enquanto que, uma vez reconhecida, se desvela como o fundo sem fundo de tudo que em si a tudo indefine, (con)funde e consubstancia. Isto tem como correlato, em termos da experiência de si, menos a nadificação do sujeito do que a sua totalização e absolutização como um eu que, descobrindo-se e sentindo-se idêntico a Deus, ou seja, à própria Vertigem transcendente, se descobre e sente um eu que, na sua íntima indefinição, é tudo e todos. Raul Leal parece na verdade apropriar o conceito de Álvaro de Campos, que escreve com maiúscula, «Ultra-ser», ao de «Ultra-eu», pois na «Vertigem» e «Vácuo» do existir tudo é indefinível e indeterminável e assim todos os seres ou «ultra-seres» supõem em si mesmos todos os outros⁵⁸. Em ambos os casos isto implica e convida a uma transformação radical da experiência convencional de si e do mundo, que subverte a percepção habitual de um eu distinto dos outros e do mundo para a converter na experiência do mistério de uma ausência original e originária de si e de entidade em torno da qual tudo vertiginosamente gravita (Fernando Pessoa) ou na experiência de uma vertigem igualmente original e originária, mas também reintegrativa, que, fundindo e indefinindo tudo em si, possibilita que o eu simultaneamente se despersonalize e totalize, reconhecendo-se idêntico à trans-antinómica Vertigem divina (Raul Leal). O acume destas experiências é, nos dois pensadores, trans-discursivo, o que naturalmente relativiza toda a sua expressão e interpretação.

58 Cf. R. LEAL, *A Loucura Universal*, 1924, in GANDRA (org.), *Profética Lusíada*, op. cit., pp. 229-231.

Raul Leal e a erótica da linguagem no modernismo português: um outro *choque de civilizações*

DUARTE DRUMOND BRAGA*

1. Introdução

O principal problema de Raul Leal, que lhe tem tolhido a possibilidade de maior fortuna crítica, até mesmo de leitores *tout court*, talvez seja o de toda a sua escrita ter um estatuto relativamente uniforme, correspondendo a um tipo de textualidade expansiva, frenética e confusa. Qualquer que seja o género de que faz uso, parecem ser os seus textos, como diz Pinharanda Gomes, «mensagens de[stas] construções mentais»¹, verdadeiros mensageiros do Vertiginismo ou Vertiginismo Transcendente, doutrina que parece dar sentido unificador à sua escrita a partir da inclusão de contrários, à semelhança do Sensacionismo pessoano. Dá-lhe corpo o seu título mais reconhecido: *Sodoma Divinizada* (1923), que é o mesmo que dizer a carne e o espírito, Deus e a Besta, pares antinómicos que vão ecoando na sua obra. Pretende este texto ler as obras ficcionais de Raul Leal publicadas em duas revistas modernistas: *Atelier* (novela *vertigica*), no segundo número de *Orpheu* (1915), e sobretudo *A Aventura dum Sátiro ou a Morte de Adónis*, saído a lume no número único de *Centauro* (1916). Ver-se-á como estes textos, sobretudo o segundo, sendo muito densos de intencionalidade e referência literária, cultural e filosófica, remetem simultaneamente para: uma experiência da linguagem como gozo; uma teoria *queer* – no sentido de uma visão disruptiva, antiessencialista – *avant la lettre* da sexualidade; uma visão etnocaracteriológica (mas não etnocêntrica) dos países e/ou das civilizações; uma mitologia

* Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM). Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/00305/2025.

1 J. PINHARANDA GOMES, *Raul Leal – Iniciação ao seu Conhecimento*, Guimarães, Lisboa 1962, p. 4.

transcultural comparada e ainda uma leitura alegórica da Grande Guerra, dimensões aparentemente desencontradas, e até estranhas entre si, para que este texto remete e na verdade entreliga. Este meu ensaio pretende aflorar e fornecer uma leitura destas dimensões, aprofundando sobretudo as três primeiras.

Rui Lopo que, no encaço de Pinharanda, tem aprofundado a valorização filosófica de Leal, encontra-lhe não uma elusiva sistematicidade, mas uma continuidade de linhas de ação que inclui a experiência e até a exigência da contradição em arte e no pensamento. A abordagem da sua obra exige a mobilização e o conhecimento da tradição filosófica, para a qual remete pelo tipo de discurso que a sua textualidade desenvolve, embora provavelmente essa leitura vá dar origem a resultados parciais devido à contínua preferência do autor, ao longo do seu percurso, pela expressão literária², como assume no livro *A Liberdade Transcendente* (1913):

Das obras literárias poderá surgir o sublimismo da Vertigem melhor do que do mais perfeito tratado de filosofia e assim, escreverei ainda, dramas, romances, poemas em que aplicarei a minha estética, a Estética Transcendental, a Estética transcendentemente Vertigica³.

Só que a forma como o autor concebe a obra literária enquanto aplicação textual dum pensamento prévio, já totalmente construído, poderá perturbar o que entendemos como o estatuto autotético do literário.

Porém, Leal dir-se-ia valorizar a literatura como o canal mais adequado ao seu tipo muito particular de mensagem, ainda que tenda ao mesmo tempo a desempenhar uma função tética, o que é revelador do tipo de fusão de géneros e de discursos para o qual a sua obra parecer

2 «Leal assume-se como sujeito – porque ponto culminante – da expressão da totalidade (como conceito e experiência) almejada pela história da controvérsia filosófica de todos os tempos, afinal denunciada como conjunto de concepções fictícias estabelecidas por pensadores fictícios. Esta mesma denúncia também se revestirá, lógica, mas paradoxalmente, de um carácter fictício, pelo que neste texto que se pretende filosófico se afirma que a literatura poderá dizer melhor que a filosofia a noção de indefinição do mundo exterior e interior e o esmagamento provocado pela experiência disso mesmo». R. LOPO, «Raul Leal e Fernando Pessoa: Um Sublimado Furor Diabolicamente Divino», *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, 3 (Spring 2013) 7.

3 R. LEAL, *A Liberdade Transcendente*, Livraria Clássica, Lisboa 1913, p. 132.

incliná-lo, mas que possui o perigo de retirar ao literário aquilo que ele tem de literário, ao subordiná-lo ao demonstrativo. No entanto, como sublinha Rui Lopo no texto que tenho vindo a citar, a formulação conceptual da mensagem está – se virmos bem – por sua vez cheia de imagens.

2. *Atelier* e a situação da obra literária de Raul Leal

Em *Atelier*, que parece basear-se vagamente no conto *Le Chef-d'œuvre inconnu* (1831), de Honoré de Balzac, não é a ausência de ação e de prossecução narrativas que chamam a atenção, afinal traço comum a outros modernistas, mas o uso em si do discurso, das longas falas retóricas como um substituto da ação, e digo retórica aqui no duplo sentido de conjunto de dispositivos ao serviço de uma exposição doutrinal e seu sentido mais baixo de exagero ou paródia disso mesmo. Há apenas discurso sem ação, como no teatro estático de Pessoa, mas nestes o discurso não se transforma em exposição retórica e doutrinal, conquanto aspeto onnipresente na escrita do autor de *Sodoma Divinizada*. Para mais, há também o efeito de obsessiva repetição de palavras e conceitos que a sua obra encena e que *Atelier*, mais do que *Adónis*, bem encarna. A este respeito, podemos introduzir a importante reflexão de Anna Klobucka sobre o contemporâneo de Leal, o Visconde de Vila-Moura, na qual se sugere que temos de encontrar outras formas de valorizar o autor de *Nova Safo*, num argumentário em grande parte, se não totalmente, aplicável a Leal. O que em ambos autores parece canhestro como construção textual aponta na verdade para uma outra forma de escrever e remete para uma unidade de pensamento sempre presente e atuante. Assim, não é só ou tanto o autor que é *queer*, mas o próprio texto o é:

I propose that an intrinsic aspect of *Nova Safo*'s queerness is the text's inability and/or refusal to conform to established standards of narrative cohesion and stylistic quality, a fact that does make it at times genuinely difficult and unpleasurable to read. Entire stretches of the novel feel messy and amateurish in their design and execution, and it is all too easy to dismiss Vila-Moura's work as bad writing that does not merit canonical inclusion or serious critical interest. Similar accusations of unreadability have of course

been traditionally leveled against the ‘notoriously challenging’ decadent writing as a whole, whose ‘combination of sexuality, violence, and esoteric thought [...] renders it foreboding to even the most patient and receptive of contemporary readers’ (Constable, Denisoff, and Potolsky 3)⁴.

É um facto que *Atelier* e *Adonis* também parecem bastante *messy*. São, contudo e ao mesmo tempo, exposições de um pensamento já formado desde o início do percurso de Leal, e que se manterá até ao final: a Vertigem e o Vertiginismo. No opúsculo, um dos seus primeiros escritos, *A Apassionatta de Beethoven e Viana da Mota* (1909), aparece já a questão que será desenvolvida em *Atelier*, segundo Pinharanda Gomes, a de «exigir do intérprete a genialidade do criador»⁵, que de alguma forma se prolonga no tema sumamente modernista da cisão entre o eu e o outro, no caso entre o modelo Luar e o pintor que o representa. O jogo de união e de desunião entre o artista consiste numa série de afastamentos e de aproximações. Se Luar almeja uma conexão espiritual com o artista, de modo que ele consiga transmitir sua essência por meio da arte, a distância entre ambos é porém impossível de superar⁶. Luar, então, continua a vê-lo como um “outro”, gerando uma sensação de receio frente à incompreensão e à impossibilidade de uma união completa entre eles. O artista, por sua vez, contempla Luar como um ser distante, o que impede a realização dessa fusão idealizada:

Mas uma torrente de fôgo Luar novamente abraza e do seu repouso instantâneo, súbito, se erguendo, numa arracanda formidável sôbre o artista se lança, cravando-o de beijos⁷.

No começo da segunda parte da história, o artista parece, finalmente, após “alguns dias”, ser tomado pelo sonho de Luar e passa a desejar unir-se-lhe de maneira sensual. Para o artista, apenas a união física, através

4 A.M. KLOBUCKA, «Portugal’s First Queer Novel: Rediscovering Visconde de Vila Moura’s Nova Safo (1912)», *Journal of Lusophone Studies* 4.1 (Spring 2019) 47.

5 PINHARANDA GOMES, *Raul Leal*, op. cit., p. 4.

6 M. GANHÃO, «“Atelier, Novela Vertígica”: a expressão da alma e a criação do artista sublime», *estrema* 7 (2015) 55-80.

7 R. LEAL, «Atelier, novela vertígica», *Orpheu*, 2 (1915) 118.

de um encontro sensual, pode concretizar as necessidades espirituais. No entanto, o personagem cujo nome é anagrama de Raul rejeita essa aproximação e impede que o desejo se satisfaça:

Os transe variados em que bruscamente se lançara Luar naquela tarde trágica, essa variedade de transe que o modelo tão vigorosamente suportara, entontece-lhe a alma, já não o admira apenas, deseja-o e cheio de ardor, de ancia!... [...] Quero-te pois, a tua ancia é, hoje, a minha; sem os teus beijos profundos não posso passar, a minha carne na tua se entranhará para que na tua alma se espiritualize toda!...» E procura-lhe a boca. Luar suavemente o afasta⁸.

Ora, as razões pelas quais não se realiza a relação sexual com o modelo prendem-se com a crítica que faz Leal ao sensualismo não iluminado pelo espírito, o que em outros momentos chama sensacionismo ou sensualismo antigo, definido como uma espécie de objetivismo rude. Nas palavras de Rui Lopo,

ainda falho daquilo que seria a contemporânea consciência da identidade labiríntica dos planos subjectivo e objectivo e da importância do vago, da divagação e da indefinição, conceitos cruciais do movimento reflexivo vertiginista proposto por Raul Leal, de indistinção de todas as definições e alargamento de todas as possibilidades cognitivas e existenciais⁹.

São as mesmas razões que levam Leal a criticar, em *Sodoma Divinizada*, todas as manifestações sexuais das quais não participe o que chama a luxúria divina, embora aponte a homossexualidade como estando *a priori* ou metafisicamente mais preparada para atingir esse efeito. Assim, a hipótese de poder ser Leal uma espécie de filosofia (sexual) da Vanguarda obriga a que desde logo apresente um definido pensamento sobre o que para ele seja a modernidade. Segundo o crítico que tenho vindo a citar, as teses especulativas fundamentais que apresentaria são a tematização da modernidade como época da «(re)descoberta ontológica

8 LEAL, «Atelier», op. cit., p. 118.

9 LOPO, «Raul Leal e Fernando Pessoa», op. cit., p. 5.

do sujeito, da conformidade da matéria e espírito, da visão da verdade em Arte associada a uma palíngenesia, da Vertigem como conceito central superador da noção de espírito»¹⁰, e que são certamente teses que *Atelier*, *novela vertígica* e *A Aventura de um sátiro* põem em cena no campo de uma teorização do desejo e da sexualidade.

Um outro aspeto que a crítica notou é o da androgenia, que faria a sua aparição em *Atelier*. Segundo Pedro Martins, o autor evita qualquer alusão ao género ao designar geralmente Luar com o termo de “modelo” que pode designar igualmente uma mulher ou um homem¹¹. Admitindo que é esse o caso, como forma de indefinição sexual que poderia ser cara ao autor de *Sodoma Divinizada*, e que o uniria a outros decadentistas no fim do século XIX, como à figura de Dorian Gray, construída por Oscar Wilde. De qualquer forma, o erotismo estático do andrógino ecoa também em outros autores modernistas como um Ângelo de Lima: «Tua Padre Mãe»¹² é curiosa expressão do poema de ambiência egípcia *Neitha-Kri*, desse poeta. Contudo, e ainda que a androgenia possa ser uma hipótese, é na novela seguinte que o pensador parece desenvolver uma aplicação mais coerente ao mundo da sexualidade da sua visão de mundo, que afeta todos os campos possíveis, incluindo esse.

Finalmente, antes de passar ao segundo texto, quero ainda valorizar a novela órfica por via de um outro aspeto, que também permite ligar fortemente a Ângelo de Lima, que é o uso performático da linguagem, afinal chamando com isso a atenção para a natureza performática de qualquer elocução. Como sugere António Cândido Franco, a Vertigem, simultaneamente experiência de um além simultâneo às coisas, consiste também na sua transformação em discurso articulado, o vertiginismo, donde o crítico tira que «a experiência da vertigem, experiência íntima que ele atribui a qualquer forma de existência, traduz-se diretamente na relação do pensamento com a linguagem»¹³. Ora, daqui se retira a necessidade da criação de toda uma *outra* linguagem, questão que o une fortemente a Ângelo de Lima, que contudo a trabalha em sentido diverso:

10 LOPO, «Raul Leal e Fernando Pessoa», op. cit., p. 9.

11 P. MARTINS, «O Demonismo na Revista Orpheu: Raul Leal e a Novela Vertígica “Atelier”», *Abril - Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, 4.8 (abr. 2012) 141-152.

12 A. de LIMA, *Obra reunida*, BNP, Lisboa 2023, p. 157.

13 A.C. FRANCO, *Poesia oculta*, Vega, Lisboa 1996, p. 63.

A vertigem tem em Raul Leal um carácter expressivo evidente. Que se prende por um lado com o invulgar das suas ideias onde existe aquela originalidade própria da vertigem que torna tudo impreciso e incerto, mas não errado, e por outro com o carácter alucinatório da linguagem, tanto a nível da morfologia, aglutinando arbitrariamente palavras ou verbalizando substantivos (um pouco ao modo de Mário de Sá-Carneiro) como ao nível da sintaxe, onde se revelou fragmentário¹⁴.

E mais do que isso, conclusão lógica do que o autor diz, mas que não a chega a retirar, porque tal entra flagrantemente em contradição com a valorização filosófica de Leal, que é a de que talvez não interesse realmente *o que* diz mas *como* o diz. Talvez haja que colocar a hipótese de a obra de Raul Leal não ter propriamente um sentido, embora se queira sempre articular como um conjunto de proposições doutrinárias. E na erótica da linguagem de Leal as suas *jouissances* são por vezes mais um desprazer do que um prazer, porque muito baseadas na hipérbole e na repetição de um léxico relativamente limitado, como talvez conviesse mais a um filósofo. Como se verá com maior detalhe nos pontos seguintes, o nosso autor de alguma forma pretende provocar no leitor a sensação e ideia aquilo de que fala, não se pautando assim por protocolos de legibilidade imediatamente partilháveis.

Lembra aqui o conceito barthesiano de *jouissances*, uma ideia-chave na sua teoria literária, particularmente nas suas últimas obras¹⁵, mas também outros conceitos da sua obra, tais como de Terrorismo Textual, que em outro ensejo desenvolverei. Está relacionado com as formas como os leitores experimentam e se envolvem com os textos para além da simples compreensão ou significado. Barthes distingue dois tipos de experiência textual: *plaisir* (prazer), prazer convencional da fruição de um texto, que se alinha com as normas e expectativas culturais. Proporciona conforto, reconhecimento e um sentido de coerência. Já *jouissance* (gozo) vai para além do prazer e pode incluir o que chamaria *desprazer*, numa experiência mais perturbadora e quase extática a que não deixa de associar a literatura de vanguarda. O gozo quebra os

14 FRANCO, *Poesia oculta*, op. cit., p. 63.

15 R. BARTHES, *O prazer do texto*, Edições 70, Lisboa 1973.

significados estabelecidos, desorienta o leitor e até permite desafiar a sua identidade ou posicionamento ideológico, tudo isto nos lembrando fortemente a escrita lealina.

3. Adónis, um Portugal *queer*?

A Aventura dum Satyro é um conto que parece ser, à primeira vista, sobre a ambiguidade e a transformação sexual de Adónis, mobilizada, debatida e centralizada por duas personagens que o disputam: Vénus e o Sátiro. É um conto-diálogo – tudo o que nele é narrativo é submergido por longas falas que dele fazem um verdadeiro diálogo – implicando uma teoria própria, simultaneamente da sexualidade e da civilização europeia. A crítica tem sublinhado o carácter mais decadentista do que modernista da revista, o que não me parece acertado, pois dialoga diretamente, e acusa marcas, do Saudosismo e do Modernismo, além da colaboração de Camilo Pessanha e de Alberto Osório de Castro que nele se encontra, que também remetem para outras poéticas, sobretudo o primeiro. Adónis é um jovem que vive numa floresta do Líbano e que sofre os assaltos de Vénus e de um sátiro germânico, sucedendo-se no final uma luta apocalíptica.

A transexualização que Adónis vai sofrendo não parece contudo ser o efeito de uma dramatização do eu como o travestimento em *Manucure* de Sá-Carneiro, ou em Alfredo Guisado (veja-se a série as *Exéquias da Princesa*), ou em Violante de Cysneiros, mas algo diferente, mais plástico e mais surpreendente. Trata-se de uma espécie de escalas e contraescalas que descem e sobem, do feminino ao masculino, e que acompanham, espelham e são mobilizadas pela dialética entre matéria e espírito. Primeiro insiste-se no carácter feminino do sujeito Adónis, em si e face a um objeto, que seria Vénus, mas nem esse objeto é fixo. Vénus assume outras formas igualmente femininas, em que Afrodite se torna apenas um modelo feminino expresso em vários outros possíveis, como Istar-Astarte, que seria uma sua correspondente na civilização assírio-babilónica, apesar de Leal não estar tanto à procura de correspondências entre estruturas míticas, mas de sugerir mutações, variabilidades, comutabilidades. Ao mesmo tempo, instala-se a contradição em como o sujeito é ao

mesmo tempo masculino e não-masculino: «nada tinha de viril, de forte. O seu efeminismo foi conservado e apenas de sereno se tornou vibrante»¹⁶. Por outro lado, e por ação do meio, Adónis é também objeto do que chama um “virilismo”, a que parece corresponder uma *semitização*:

Em Adonis não mais existe aquele delicado efeminismo que Praxiteles no mármore tão bem cantar sabia, não mais nos braços de Aphrodite é o voluptuoso amante que cheio de mimos excelsos quase Aphrodite se tornava. Não, Venus desconhece-o, julga-o quase perdido para as delicias brandas do amor e a ferosidade nele agora tao evidente desmente quasi os gestos clássicos com que numa alma feminil Adonis outr’ora de encantos enchia o amor de Venus [...]. Agora não, as fataes caçadas tornavam Adonis demasiadamente homem, o contacto das feras parecia brutalizá-lo¹⁷.

Resumindo, Vénus quer manter e amar a Adónis como ser feminino ou efeminado mas Adónis animaliza-se e masculiniza-se, o que para Leal parecem ser sinónimos, por contacto com as bestas enviadas por Wotan, sobretudo com o referido sátiro. Naquela passagem, Adónis efeminiza-se quando com uma mulher, ao modo grego da atração de semelhantes, da *homologia* ou *homofilia*, o que só de si daria a esta relação uma qualidade homossexual. Já o sátiro perseguindo Adónis, que estava descontente com Vénus, e que surge no momento da sua masculinização, pode ser uma metáfora da descoberta do desejo homossexual que eclode animalizadamente: «com fúria o aperta beijando-o todo»¹⁸. A figuração de Vénus no conto segue uma certa misoginia que não destoa do que Anna Klobucka designou como o «environment of exclusionary male homosexuality that produced canonical Portuguese modernism»¹⁹. Assistimos aqui à tendência lealina para transformar tudo em conceitos e doutrinas cujos sentidos precisos nos são contudo bastante opacos: *efeminismo*, *virilismo*, *personalismo*, o que remete para uma visão apodítica que parece conferir à literatura e que tem criado bastantes problemas a uma valorização de Leal por via dos Estudos Literários.

16 R. LEAL, «A Aventura dum Satyro ou a Morte de Adonis», *Centauro* (Out.-Dez. 1916) 39-59, p. 40.

17 LEAL, «A Aventura...», op. cit., p. 41-42.

18 LEAL, «A Aventura...», op. cit., p. 41.

19 KLOBUCKA, «Portugal's First Queer Novel», op. cit., p. 55.

A natureza confusamente alegórica do conto, manifesta na sua miscelânea mitológica, faz dele uma teoria do amor erótico. O vertiginismo, aplicado à sexualidade humana, exige talvez não tanto uma fusão dos sexos, uma androgenia ou uma plena transexualização, mas mais o que seria um virilismo feminino e um efeminismo viril²⁰. Estes estão sempre em tensão e são sempre o paralelo de uma matéria que se espiritualiza e de um espírito que se materializa, o que parece ser o cerne do vertiginismo, mas que também lembra fortemente os termos antinómicos e binários da teoria da Saudade em Teixeira de Pascoaes. A Vénus latina representa a “matéria pura” e o semitismo o espírito sem carne, ambos em si mesmos imperfeitos e indesejáveis, como em Pascoaes: Adónis é uma matéria que lentamente se espiritualiza que é o mesmo que dizer se vertiginiza ou, na linguagem de Pascoaes, se torna saudosa.

Mas a matéria tornando-se espírito e o espírito matéria, em proximidade com o Pascoaes de *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo* (1912) e o Pessoa de *A Nova Poesia Portuguesa* (1912), manifestos da fase aguda do saudosismo, exprime-se em Leal também no exercício do desejo. É precisamente esta dimensão que está menos visível quer em Pascoaes, quer em Pessoa, enquanto transformação vertiginosa dos amantes que não deixa de incluir uma união entre o sátiro e Adónis, que é no conto um mero objeto entre Afrodite e Wotan, ao fim sem uma réstia de vontade própria:

E ves Aphrodite, como Adonis sob os meus beijos ardentes, bestiaes de Satyro, já nem se debate, como luxoriosamente, empregando assim eu o mais sugestivo processo, consigo estimular-lhe o ardor que o levará ao tumulto que Wotan no seu próprio espirito lhe há-de abrir, vês como êle só de prazer profundamente contorce, como se deixa possuir, como permite que no seu corpo já tao espiritualizado a minha carne lhe entranhe²¹.

Certamente que Raul Leal pode, neste sentido, ser lido como um percursor (do) *queer*, mesmo enquanto teorizador e não apenas enquanto obscuro anúncio literário, ao insistir na indefinição, intermutação e

20 «[...] ele devia tornar o seu ardor bastante viril e como no Olimpo só existem fêmeas por vezes em figuras masculinas disfarçadas, tu essa virilidade confundiste com o bestialismo das feras».

LEAL, «A Aventura...», op. cit., p. 53.

21 LEAL, «A Aventura...», op. cit., p. 55.

interpenetração que escapa ao binarismo de género, embora a sua obra possua uma dimensão mística e religiosa que está obviamente ausente dessa teoria dita pós-estruturalista, que costumeiramente remete tais dimensões para a alçada das visões patriarcais. Se muitas tradições místicas descrevem encontros com o divino em termos eróticos, tal encontra forte paralelo na obra do autor de *Sodoma Divinizada*, embora tenhamos que esperar pela teóloga argentina Marcella Althaus-Reid, que une teoria *queer* e teologia da libertação em seu livro *Indecent Theology* (2000)²².

Se o sátiro remete sempre para figuras de uma sexualidade “alternativa”, já Camões, com sua *Elegia dos faunos*, também o fazia, reenviando, de acordo com Frederico Lourenço, para “outras paisagens sexuais”²³, envolvendo incesto e homossexualidade. Mas lembremo-nos de um modelo mais perto do texto de Leal, sem dúvida o poema *L'Après-midi d'un faune* (1876), de Stéphane Mallarmé, que também aborda o desejo e as suas ambiguidades. Em termos do cabedal mítico e literário convocado por Leal ao querer fazer uso do mito de Adónis, e não apenas do fauno ou do sátiro, o próprio tema em si de Adónis é já bastante *queer*, por conotar a beleza breve (na ambiguidade sexual que a sustém) que deverá morrer ou ser sacrificada. Surgia já em Oscar Wilde que, em *The Picture of Dorian Gray* (1890) traça um paralelo entre o protagonista, Dorian, e Adónis para enfatizar a beleza do primeiro. Lord Henry Wotton nota, a certo passo do romance, referindo-se-lhe: «This young Adonis, who looks as if he was made out of ivory and rose-leaves»²⁴. Contudo, tudo isto vem já de *As Metamorfoses*, de Ovídio onde, no livro X, Adónis é retratado como um objeto de desejo, acarinhado por Vénus, mas destinado a perecer devido à sua beleza delicada e mortal.

Já nalgumas versões tardias do mito grego de Adónis havia sugestões de transição de género ou androgenia, embora estas não sejam as interpretações mais predominantes da sua história. Alguns estudiosos sugerem que as origens de Adónis remontam a divindades do antigo Médio

22 M. ALTHAUS-REID, *Indecent Theology: Theological Perversions in Sex, Gender and Politics*, Routledge, Londres 2000.

23 F. LOURENÇO, «Amor», in V.M. AGUIAR E SILVA (org.), *Dicionário de Luís de Camões*, Caminho, Lisboa 2011, p. 34.

24 O. WILDE, *The Picture of Dorian Gray*, Ward, Lock & Co., Londres 1890, p. 11. Leal também pode ter colhido a referência a Adónis em Nietzsche, que refere muito *en passant* a figura de Adónis em *O Anticristo*, de 1895. Note-se que Dorian é quase um anagrama de Adónis.

Oriente, como Tamuz, um deus da fertilidade que, em certos contextos culturais, apresentava aspetos de duplicidade de género. Embora Adónis, na maioria das versões, não passe explicitamente por uma mudança de sexo, ele pertence a um *continuum* mitológico transcultural onde a transformação de género é tema recorrente. Assim, algumas tradições esotéricas, influenciadas pelo pensamento gnóstico e hermético, exploraram a ideia de Adónis como possuindo uma natureza dual de género ou estando associado à androgenia divina, o *rebis* alquímico.

Contudo, aquilo a que, no encalço da crítica polaca, se poderia chamar a sua *política da sexualidade dissidente*, semelhante à de Vila-Moura, é aqui uma política do corpo e implica uma política da violação. Adónis sofre uma violação antes de mais verbal, pois é objeto de vários discursos – num momento do conto que se torna um confuso diálogo filosófico – e sua violação é mais uma das performances verbais lealinas, na qual a figura mítica pode oferecer o seu lugar ao leitor, ao recetor que é também, como ele, violado. Leal ressexualiza a linguagem precisamente porque o sexo *é* a linguagem, parece querer dizer o pensador com o seu verbo impositivo. Assim, face a esta textualidade não seria tanto uma relação de legibilidade a que seria necessária, mas antes uma erótica da linguagem. Assim, numa forte circularidade, o verbo remete para o corpo, mas esse corpo é verbal e até teórico. Remetendo para a teoria, nela encontramos – como tem vindo a sugerir Rui Lopo – conceitos que são de origem física, como a própria noção de Vertigem.

Mas Leal não foi o único em seu tempo a ser considerado ilegível, tal como ainda o é no nosso. Também Vila-Moura o foi, junto com outros autores decadentistas, por insistir numa amalgama de sexualidade, esoterismo e também monarquismo, no que é muito próximo ao nosso autor. Assim, podemos de novo pensar neste texto de Leal ao modo do que diz Klobucka para Vila-Moura:

A patient survey of the novel's exuberantly excessive repository of queer feeling and representation may go some way toward giving the text a measure of the plenitude it so manifestly lacks when approached through more disciplined and demanding reading protocols²⁵.

25 KLOBUCKA, «Portugal's First Queer Novel», op. cit., p. 41.

Só que a ilegibilidade e lado canhestro de Leal não vai no mesmo sentido de Vila-Moura, enquanto *scrapbook* de sentimentos, imagens e momentos *queer*, antes no sentido de uma impessoalidade gozosa, uma impessoalidade que é feita de pessoal. Assim, a transgeneridade em Leal (a que chama *efeminismo*) remete para as mutações de um corpo verbal e para performances prazerosas da linguagem, como as *jouissances* de Barthes, que são também – no caso deste autor – um desprazer. A escrita, como dizia o pensador francês, é «a ciência das fruições da linguagem, o seu kamasutra»²⁶.

Note-se como Leal não está sozinho nesta valorização do “efeminismo”, tónica que também aparece na *Tentativa de um ensaio sobre a decadência*, de Luiz de Montalvor, na defesa do «sentir-se débil e femininamente o sistema nervoso de todas as sensações, de todas as emoções»²⁷ e na valorização do ser «andrógino e equívoco». Trata-se de um texto programático da *Centauro*, o que mostra que Leal e seu conto não estão isolados; pelo contrário, vivem dentro de um círculo *queer*. Um círculo homossocial muito afim está presente em *Orpheu* 2, para o qual Klobucka chamou a atenção, onde colabora Leal com o *Atelier* e Ângelo de Lima com os seus poemas mais significativos, o que merece de Pessoa o curioso reparo, num esboço dum panfleto contra *Orpheu* 2, de que se tratava de uma «revista de mulheres» e de «invertidos»²⁸, o que mostra, segundo Klobucka «uma das facetas intencionalmente escandalizantes do *Orpheu* [...] [,] a performatividade travesti das identidades de género que se viam encenadas no espaço da revista»²⁹. E não constituirá o *Adonis* ao mesmo tempo simultaneamente uma confirmação e uma crítica da associação feita por Mário Saa entre judaísmo e pederastia no seu famoso *A Invasão dos Judeus*? Lembre-se, a este respeito, que Adónis é o semita por excelência, algo que poderá ter colhido na vasta mole da literatura teosófica, caldo cultural que Leal, Pessoa,

26 BARTHES, *O prazer do texto*, op. cit., p. 39.

27 L. de MONTALVOR, «Tentativa de um ensaio sobre a decadência», *Centauro* (Out.-Dez. 1916) 7-12, pp. 11-12.

28 F. PESSOA, *Sensacionismo e outros ismos*, IN-CM, Lisboa 2009, p. 61.

29 A.M. KLOBUCKA, «A propósito de Violante de Cysneiros: Orpheu, Nova Sapho e as poéticas e políticas de género no Modernismo português», *Estranhar Pessoa*, 2 (out. 2015) 120-136, p. 131.

Augusto Ferreira Gomes e outros modernistas avidamente beberam³⁰. Mas leia-se Saa:

Declara-se publicamente pederasta, e não teme as críticas dos jornaes nem os sócos dos jornalistas! *Sodoma Divinisada* é aquele seu escandaloso livro que o Governo Civil apreendeu, por o considerar imoral, e onde é cantada e defendida metafisicamente a pederastia. Pede ahi a edificação de templos de luxúria em que esta mesma fizesse parte do ritual litúrgico, e transcendentemente vertiginico. Declara-se vertiginista e futurista. [...] Os judeus se declaram frequentemente pederastas; e Raul Leal é nisto, como em tudo, um verdadeiro monumento á sinceridade, o maior que até hoje conheci. A sodomia, ou homosexualismo, era um hábito atribuído aos judeus, e nisso se celebrisavam Sodoma e Gomórra. Os antigos portugueses, e mesmo nos séculos XVI e XVII, assacavam aos hebreus as mesmas tendencias, e a cuja mistura de sangue atribuíam a diminuição do vigor dos luzitanos. [...] Vicente da Costa Matos asseverava, em 1625, que os judeus eram homosexuaes, e que tinham introduzido o vício no Paiz. Friso, – entretanto, que se os judeus o introduziram, os outros o seguiram admiravelmente, porquanto, quási outros cristãos-velhos chamados ao Tribunal da Inquisição não era costume irem lá por outro motivo³¹.

4. Um outro *choque de civilizações*?

Outro aspeto do conto prende-se com o que Pinharanda Gomes sibilamente sugerira, ao propor que nesta narrativa «se esboça a ética

30 «Do you think the Phenicians were an Ethiopian race? Why? They have certainly mingled much with them, but I do not see well how it can be. The Phenicians were the ancient Jews I think, whatever they have been before. Josephus admits as much, unless it is a hoax to escape other accusations. The biblical mode of worship and the bloody sacrifices in which the Patriarchs and other “chosen ones” delighted are of a Phenician origin, as they belonged in days of old to the Bacchic and Adonis Phenician worship. The Adonis is certainly the Jewish Adonai. All the Phenician deities can be found in Joshua as well as their temples». H.P. BLAVATSKY, «*Letters from H. P. Blavatsky to Alexander Wilder, M.D.*», in *Isis Unveiled*, Theosophical University Press, versão em linha 2019, app. 4. Disponível em linha: <https://www.theosociety.org/pasadena/isis/iu2-ap4.htm>.

31 M. SAA, *A invasão dos judeus*, Imprensa Libânio da Silva, Lisboa 1925, p. 287-288.

social de Henoch»³². Há primeiro a contraposição do mundo Semita ao mundo heleno, como na teorização da saudade em Teixeira de Pascoaes, e a ascensão do germanismo ou germanofilia já notado por Nuno Júdice no estudo prefácio à reedição de 1982, pois o sátiro é um emissário do germânico Wotan e de Walhala, que está para Leal acima dos deuses greco-latinos, que representam a civilização latina. «Assim foi criado o deus de Lutheró!...»³³, última frase do conto, que remete para uma genealogia dialética da germanidade, em que o Nietzsche de Zarathustra se vê como uma espécie de síntese entre Lutero e Goethe. Na verdade, o conto pode, na pegada disto, ser lido como uma intrincada alegoria da Primeira Guerra Mundial. Se, neste campo, Adónis for uma possível alegoria de Portugal, proveniente do Médio Oriente, e disputado entre Vénus e Wotan, entre a civilização latina e germânica, a violação sugere uma invasão do território português e um triunfo final da Alemanha no confronto, numa germanofilia³⁴ a que Leal parece ora aderir, ora rejeitar noutros pontos, numa outra *queerness*, desta vez política.

Como já foi dito, neste conto, onde nada parece ser fixo, Vénus transforma-se em Istar (ou seja, semitiza-se também) e em outras formas femininas provenientes de outras referências culturais, como Astarte, desenhando uma série de referências ao Médio Oriente e ao mundo assírio-babilónico também comuns a Ângelo de Lima e Alfredo Guisado. Adónis, lido à luz de Pascoaes como filho da civilização latina e semita, de um lado, e cortejado pela Alemanha de outro, pode ser visto como alegoria de um Portugal efeminado-masculinizado, o que é sublinhado pela proteção de Vénus que, embora esteja no original mito grego, não deixa de remeter para *Os Lusíadas*, aos quais Baco – de que este sátiro é acompanhante dionisiaco – se opõe, de alguma forma assim invertendo o triângulo mitológico *d'Os Lusíadas* entre o Gama, Baco e Vénus. Assim, Portugal talvez se devesse deixar invadir ou violar pela ameaça do germanismo, aplicando assim também o autor a Portugal e aos conflitos entre as

32 PINHARANDA GOMES, *Raul Leal*, op. cit., p. 8.

33 LEAL, «A Aventura...», op. cit., p. 59.

34 «O génio de Kant e Nietzsche transcendentalizado pelo espírito de Schumann elevado à Liberdade Pura dos portugueses animará o Futuro que se há-de abrir para a Humanidade!» LEAL, *A liberdade transcendente*, op. cit., p. 130.

culturas da Europa um aspeto do seu vertiginismo, pois a cultura germânica mereceria triunfar pelo seu maior vertiginismo:

Desconheceis essa energia suprema e por isso vos tornastes belos. Sois belos mas não mais sois sublimes... E é o sublimismo do ceu escandinavo que Wotan á beleza ática quer opor. A luminosa sublimidade de Assur e a mais debil de Ra ou Amon não mais surgirão, mas outra mais vertiginosa, tão vertiginosa que a propria luz ofuscará, para sempre a arrebatando na vertigem do Espirito, mas outra há-de surgir e o vosso poder para sempre esmagar. E é contra a luz, contra a luz em vós de generada, que o tenebroso Wotan me enviou... Ouve Aphrodite, ouve bem os juizos do Deus sublime que não mais considerarás insano. E de Adonis que êle precisa. Sim, mas não o quer só para guia, que os guias bem enganadores se podem tornar, quer que o teu lindo éfebo, espiritali sando-se no seu proprio espirito se evolve todo!... Quer a morte de Adonis, exclama Venus sobressaltada por uma angustia feroz, quer que o proprio conhecimento do meu amante se funda no seu que assim e só assim conseguirá no Olympo vencer-nos. Sim, a vida de Adonis evolvendo-se na alma de Wotan não mais será de Aphrodite, para sempre o perderei³⁵.

Tudo isto, afinal, apesar de no mesmo ano desta publicação, em carta reproduzida em *O Virgem Negra*, Leal se apresentar ao mesmo tempo anti-germânico, ou pelo menos anti-Kaiser³⁶. Para ele, o sátiro é a parte germânica da cultura grega, mas há uma origem asiática quer da cultura grega quer semita, o que é original em termos de conceção etnocultural. Raul desenha uma genealogia grega que vem da «vibrante luminosidade asiática»³⁷, que inclui Ra e Assur, num imaginário orientalista partilhado com o restante grupo modernista. Tudo isto se articula como uma confusa genealogia da degenerescência pessoal e civilizacional, como em tantos autores dessa época, mas dotada da possibilidade duma estranha redenção, que passa pela aplicação da Vertigem aos próprios caracteres nacionais:

35 LEAL, «A Aventura...», op. cit., p. 49.

36 «O precursor do Divino Paraclete, a Vertigem, que no nosso século se espera sou Eu, uma grande vitória alcançarei sobre a Águia Prussiana, Génio do Anticristo, Génio Absoluto do Limite que assim se dissipará e erguendo o Mundo ao Deus que ele lhe envia, o Próprio Deus enfim, Me Tornarei!!». M. CESARINY DE VASCONCELOS, *O Virgem Negra*, Assírio & Alvim, Lisboa 1988, p. 103.

37 LEAL, «A Aventura...», op. cit., p. 48.

Mas esperava eu, esperava-o e temia-o bem que para satisfazer a ferocidade crescente de Adonis vós mandasseis Brunehilde, a Walkiria duma beleza selvática, quando o teu néscio Wotan preteriu ao meu amante enviar um mensageiro transformado em satyro. Como os outros satyros de ti e de Wotan se vão rir. Ouve, Pan: como perfeita a fonte em que os teus sarcasmos se podem banhar! E dando uma gargalhada nervosa a linda Aphrodite mais acentuadamente finge o desprezo altivo que uma anciedade oculta mal encobre. Cinicamente Ihe responde o falso satyro, sempre beijando Adonis que já quasi nem se debate. «Bem clara é a degenerescencia da mansão de Assur que tornada no Olympo, deuses encerra que tão mal reconhecem os desígnios supremos doutros deuses mais puros!». «Assur, exclama Aphrodite entre colérica e admirada, que relações mantem connosco este bárbaro de luz por vós destronado? «As relações que na velha geração tem com uma outra que ela criou. Já debil, Assur as suas sementes quiz lançar noutras regiões que formadas por ele contra êle se revoltaram, ingratidão vil de que só vós sois capazes. A vibrante luminosidade asiática que em vós baixamente degenerou numa manifesta fraqueza por Zeus, Pálas, Aphrodite e Apólo dissimulada em mil fictícios encantos que o velho Assur no seu passado vigor viril jamais conheceu. Ele a quem as forças já escasseavam quando vos criou, criou-vos fracos e como taes vis, que a fraqueza é sempre vil. E por isso, contra ele, na sua debil velhice cobardemente fostes. Sua energia de luz plena, que na dos Deuses suméricos, dos nórdicos sciticos oriundos se inspirou, tal energia em vosso cuidado efeminismo se evolou todo. Se a possuísseis, bárbaros serieis também que só a estática se renidade se pode com artificios burilar. Na sua vertiginosa corrente, a força jámais se pode conter³⁸.

O que temos aqui é todo um outro *choque de civilizações*, na qual cada civilização furiosamente se transforma em outra, de forma fulgorantemente mutável, e não formando algo de fixo e permanente, como no pensamento etnocêntrico do orientalismo. Neste mapa metafísico da Europa, de alguma forma retomando textos clássicos que atribuam oragos às nações, os arquétipos só existem na relação. Leal mostra assim a relatividade e lado casual das correspondências míticas ao também retomar o tema wagneriano e nietzscheano da morte ou queda dos deuses.

38 LEAL, «A Aventura...», op. cit., pp. 48-49.

Em *Götterdämmerung* (1876), Wotan tenta manipular o destino, mas a sua corrupção moral conduz à sua destruição. Por contraste, Brünnhilde abraça o sacrifício, permitindo a renovação: Valhalla arde, consumindo o velho mundo para dar lugar ao novo. Note-se que não só Wotan como Brünnhilde são explicitamente referidos em *Adonis*. É sabido como Nietzsche mais tarde pega na ideia da “morte dos deuses” como metáfora para o declínio dos valores antigos e o surgimento do novo. Assim, a destruição dos deuses refletiria o colapso das estruturas morais e religiosas tradicionais, um tema que desenvolveria nas suas obras. Inicialmente admirador de Wagner, vendo nele a essência da vitalidade dionisiaca (*O Nascimento da Tragédia*, 1872), acabou por rejeitá-lo, acusando-o de recair na moral cristã. Em *O Crepúsculo dos Ídolos* (*Götzendämmerung*) (1889), Nietzsche ataca os valores tradicionais, num gesto filosófico semelhante à destruição dos deuses em Wagner:

The satyr, as the Dionysiac chorist, dwells in a reality sanctioned by myth and ritual. [...] the cultured Greek felt himself absorbed into the satyr chorus, and in the next development of Greek tragedy state and society, in fact everything that separates man from man, gave way before an overwhelming sense of unity that led back into the heart of nature. This metaphysical solace (which, I wish to say at once, all true tragedy sends us away) that, despite every phenomenal change, life is at bottom indestructibly joyful and powerful, was expressed most concretely in the chorus of satyrs, nature beings who dwell behind all civilization and preserve their identity through every change of generations and historical movement. With this chorus the profound Greek, so uniquely susceptible to the subtlest and deepest suffering, who had penetrated the destructive agencies of both nature and history, solaced himself. Though he had been in danger of craving a Buddhistic denial of the will, he was saved through art, and through art life reclaimed him³⁹.

Se pensarmos que a figura lealina do sátiro dialoga com aquela que se apresenta em Nietzsche, ou em Wagner lido por Nietzsche, vemos que

39 F. NIETZSCHE, *The Birth of Tragedy*, trad. W. Kaufmann, Vintage Books, Nova Iorque 1967, pp. 59-60.

Leal faz dele um sátiro germânico (um baco alemão?⁴⁰) ou wagneriano, no qual a vitalidade e a força de que fala é a da cultura germânica e não, como em Nietzsche, da parte dionisiaca da cultura grega. O sátiro é o arquétipo do homem, a personificação de suas emoções mais profundas e intensas, o festeiro extasiado pela proximidade de seu deus Dionísio, e por isso é fortemente sexualizado e associado ao abuso e à violação. O público, imerso na excitação dionisiaca, vê-se como essencialmente unido às manifestações do próprio Dionísio no palco. Este é o início do drama: ver-se a si mesmo transformado em outro corpo, o que se conecta com a ideia de transgeneridade de Leal.

5. Considerações finais

Leal não dilata apenas os limites da discursividade filosófica, alargando e ampliando as possibilidades semânticas dos conceitos [...] [mas] faz explodir completamente as palavras em convulsões de significação, transpondo para o campo da intencionalidade filosófica e do seu registo conceptual algo que correspondia então a alguma prática poética experimental de vanguarda⁴¹.

Se, como sugere Rui Lopo, a filosofia de Raul Leal parece implicar uma aplicação da Vanguarda à filosofia, implica também um estilhaçamento de tudo o que toca, seja géneros ou doutrinas estéticas. «[as] minhas concepções futuristas, ou antes, ultrafuturistas [...]»⁴². É por esta razão que Cabral Martins – embora Raul seja um dos primeiros e mais longevos futuristas portugueses – nota que em nada ele se parece com o futurismo de escola:

40 «O ódio de Nietzsche ao cristismo aguçou-lhe a intuição nestes pontos. Mas errou, porque não era em nome do paganismo greco-romano que ele erguia o seu grito, embora o cresse; era em nome do paganismo nórdico dos seus maiores. E aquele Diónisos, que contrapõe a Apolo, nada tem com a Grécia. É um Baco alemão. Nem aquelas teorias desumanas, excessivas tal qual como as cristãs, embora em outro sentido, nada devem ao paganismo claro e humano dos homens que criaram tudo o que verdadeiramente subsiste, resiste e ainda cria adentro do nosso sistema de civilização.» F. PESSOA, *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, recolha, transcrição e notas T.S. Cunha, Presença, Lisboa 1994, p. 185.

41 LOPO, «Raul Leal e Fernando Pessoa», op. cit., p. 7.

42 R. LEAL, «As tendências orfaicas e o saudosismo», *Tempo Presente* 5 (set. 1959) 17-24.

Raul Leal é a imagem mesma da pulsão irresistível para o bizarro e o excessivo, o disparo de girândolas de energia num ego que se expande até ao horizonte. Como Mário Cesariny sugere num dos poemas d'O Virgem Negra: Raul Leal é o mais Orpheu de todos. Nem Ângelo de Lima, em cujos poemas se ouve o ultra-simbolismo a estilhaçar-se. Nem Sá-Carneiro (que acerca de Raul Leal escreve, numa carta a Pessoa de 5 de Novembro de 1915: «É muita pena que o rapazinho seja um pouco Orfeu demais»), nem Pessoa, nem sequer Campos ficam assim tão colados ao epicentro mais alucinante da Vanguarda⁴³.

Para Cabral Martins seria uma «amálgama de poesia, ficção e especulação filosófica», o que não é uma descrição longe da verdade, tudo isto criando uma grande e difícil *jouissance*, dando uma impressão de grande obsessividade à sua escrita, sendo quase indiferente o género de que faz uso, e que definitivamente justifica uma abordagem da sua obra a partir do campo da filosofia e dos estudos literários em simultâneo. Não é assim definitivamente importante ler este texto como conto ou ficção mas como um discurso que exige uma cuidada interpretação que permita ultrapassar a forte impressão de ausência de um sentido para a partir dele conseguirmos articular algo que de facto seja *outra coisa*. Como diz Pinharanda Gomes, em *Raul Leal, iniciação ao seu conhecimento*: «[...] o dinamismo latente nessa expressividade da obra que um dia, não sei quando, poderá ser uma das tabuas de salvação a que muitos se hão-de agarrar para articular futuro que ainda hoje não concebemos ao certo»⁴⁴. Pode não estar a falar de nacionalismo quintaimperial, como seria de esperar, tanto neste autor como no visado, mas de outra coisa inteiramente diferente.

43 F.C. MARTINS, «Raul Leal», in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Caminho, Lisboa 2008, p. 395.

44 PINHARANDA GOMES, *Raul Leal*, op. cit., p. 3.

As cartas de Raul Leal para António Quadros, seu leitor e intérprete

RUI LOPO*

I

Este estudo visa apresentar a presença de Raul Leal (1886-1964) na obra de António Quadros (1923-1993). Para tal transcrevemos de seguida as cartas enviadas por Raul Leal a António Quadros e, num segundo momento, damos conta de todas as citações e referências explícitas ao pensamento e acção de Leal que pudemos compulsar na obra do autor de *O Primeiro Modernismo Português. Vanguarda e Tradição*.

Graças à acção da Fundação António Quadros, a que agradecemos na pessoa de Mafalda Ferro, pudemos ter acesso às cartas de Leal que no seu acervo se encontram depositadas e aqui apresentamos e anotamos. Seria desejável efectuar também um esforço de detecção da presença da obra e acção de António Quadros no percurso de Raul Leal, procurando assim completar as duas direcções em que se estabeleceu esta relação. Parte significativa do extenso espólio de Raul Leal foi preservada na chamada “Colecção Modernista” do Arquitecto Fernando Távora, hoje à guarda da Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS), no Porto. Uma significativa colecção de cartas e manuscritos de Leal encontra-se na colecção de Alberto de Serpa na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Muitas cartas e outros materiais lealinos encontram-se dispersos, e por inventariar, tanto em mãos particulares como em Arquivos públicos. Pudemos ainda consultar no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, na Biblioteca Nacional de Portugal, o espólio de Álvaro Ribeiro que se tornou correspondente e convivente de Leal por intermediação de António Quadros, conforme pudemos apurar do estudo destes carteios. O estado actual deste estudo, que vimos levando a cabo¹,

* Instituto de Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

1 No âmbito do projecto do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, apoiado pela FCT, “Filosofias e teorias da arte no pensamento do século XX em Portugal”, Ref.ª UIDB/00502/2020, financiado por fundos nacionais através da FCT.

só permite para já apontar as breves indicações que se seguem. Por exemplo, não foram ainda encontradas quaisquer cartas enviadas por Quadros a Leal. Grande parte das obras inéditas de Leal em que aborda autores e temas portugueses encontram-se ainda por investigar e dar a conhecer.

Para prosseguir este estudo, aqui apenas iniciado, seria necessário perceber como Raul Leal se relacionou com a *filosofia portuguesa*. Para este fim não se considera esta expressão no seu contexto polémico, mas como indicadora de um movimento cultural historicamente situado, um conjunto de teses e de autores, um grupo, um conjunto de intervenções editoriais e publicísticas em nome de uma *escola* de reivindicada raiz portuense. Esta tentativa de compreensão dos modos como se articulou o pensamento e Vida de Leal com o movimento da Filosofia Portuguesa segue a investigação que vimos realizando sobre o *diálogo* que o autor manteve com Fernando Pessoa e o grupo de *Orpheu*²; com o saudosismo de Teixeira de Pascoaes³; com o Futurismo, com o chamado segundo modernismo, da *presença*⁴, de Régio, Gaspar Simões e Casais Monteiro⁵, com o surrealismo e, sobretudo, com a tradição filosófica europeia, clássica e moderna⁶, com a crítica de arte musical e plástica, com a teorização

2 Cf. R. LOPO, «Raul Leal e Fernando Pessoa: um sublimado furor diabolicamente divino», *Pessoa Plural*, 3 (prim. 2013) 1-27, dedicado à relação literária e filosófica entre Leal e Pessoa, acompanhado da apresentação e transcrição de um dossier de inéditos de Leal encontrados no espólio de Fernando Pessoa.

3 Cf. R. LOPO, «Vertiginismo, Orfismo e Saudosismo: aproximação sem *ismos* a Raul Leal» in A. BRAZ TEIXEIRA – M.C. NATÁRIO – R. EPIFÂNIO (coord.), *Sobre a Saudade, V Colóquio Luso-Galaico*, Zéfiro, Sintra 2017, pp. 260-273. Neste estudo demos a conhecer importantes excertos das extensas cartas de Raul Leal a Álvaro Ribeiro (cujo intermediário foi António Quadros). Temos em preparação a edição integral da transcrição anotada deste epistolário.

4 Cf. R. LOPO, «O Hiperesteta: Da Vertigem à Presença passando pelo Futurismo», *Arteteoria*, 20 (2017 [2020]) 41-72. Anexámos a este estudo uma tradução para português do manifesto *ultra-futurista* da autoria de Leal *L'abstractionisme Futuriste* e as «Cartas de Raul Leal (Henoch) para José Régio» (pp. 199-228).

5 Cf. R. LOPO, «Ensaio de Leitura de Três Cartas de Raul Leal para Adolfo Casais Monteiro», in M.C. NATÁRIO – R. EPIFÂNIO – R. LOPO (coord.), *Casais Monteiro: Filosofia e Literatura*, IF-UP, Porto – Linda-a-Velha 2023, pp. 95-110.

6 Cf. R. LOPO, «A Ideia e a Visão de Deus de Raul Leal: Introdução às dificuldades do seu estudo» in L. XAVIER (org.), *A Questão de Deus na História da Filosofia*, vol. II, Zéfiro – CFUL, Lisboa 2008, pp. 1043-1052.

do corpo em movimento⁷, com a filosofia da história e da religião, e com as ideologias políticas do seu tempo.

II

Apresenta-se de seguida a transcrição de quatro cartas manuscritas de Raul Leal redigidas entre 1949 e 1956.

Maio de 1949

S/C Rua Antero de Quental, J. F. – 3º D. Amadora

Meu prezado Confrade e Amigo

Envio-lhe o artigo⁸ que teve a gentileza de me pedir para a revista *Atlantico*. Não sei se achará muito grande mas a importância do assunto, verdadeiramente sensacional e de grande oportunidade, desculpa de certo modo o tamanho. Alias eu divido-o em dois parágrafos que poderão ser – se assim quizer – dois artigos. O meu amigo decidirá o que entender a este respeito. Caso venha a ser realmente publicado, não seria possível eu rever as provas? Será mais um favor que lhe fico devendo. Peço-lhe pois nestas circunstâncias que me indique o dia, hora aproximada e local em que devo fazer a revisão para vir então prontamente a Lisboa. Por mais esta fineza ficar-lhe ei muito reconhecido. Receio sobretudo que os tipógrafos ponham riscos demasiadamente grandes para simples traços de união visto que no artigo ou artigos vêm bastantes palavras [v.] ligadas.

Aguardando com o maior interesse as suas decisões, sou com a maior estima e consideração intelectual

Seu dedicado amigo, admirador e obrigado

Raul Leal

7 Cf. R. LOPO, «Raul Leal pensador do Bailado e da dança cósmica» em «*Astralédia* ou a hiperestética do espasmo e da vertigem» in AA.VV., *Dos suicidados – O vício de humilhar a imortalidade*, edição Nuisis Zobop, Porto 2019, pp. 87-93.

8 Leal envia cópia manuscrita do artigo (em duas partes dividido) «As Tendencias Orfaicas e o Saudosismo» que só dez anos depois será divulgado nas páginas da Revista *Tempo Presente*, nn. 5 e 7 (set. e nov. 1959) 17-24 e 39-48. Tivemos ocasião de republicar este denso e importante texto de Leal em R. LOPO – M.C. NATÁRIO – R. EPIFÂNIO (org.), *Raul Leal: Leitor de Fernando Pessoa, Leitor de Si Mesmo ou a Criação do Futuro. Textos sobre e para Fernando Pessoa*, U.Porto Press, Porto 2023.

1951.11.19, Lisboa,

S/C Rua Antero de Quental, J.F. 3º D. Amadora

Exmo Senhor Dr. Antonio Quadros

Meu prezado Amigo

Do intimo d'alma lhe agradeço as suas palavras, tão gloriosas para mim, sobre a minha colaboração na sua esplendida, verdadeiramente superior revista *Acto*⁹. Era duma publicação nesse alto nível intelectual e emotivo que nós carecíamos. Oxalá que perdures para honra de [2] Portugal.

Conforme tive a oportunidade de dizer ao nosso grande amigo Orlando Vitorino, a sua colaboração agradou-me extremamente¹⁰ por indicar uma elevada sensibilidade metafísica em que o pensamento e a emoção se confundem, conforme era necessário a um espirito verdadeiramente português. Na realidade, uma filosofia portuguesa nunca podia ser só *friamente* racionalista, devendo, antes, *vitalisar* a Razão com a força do máximo poder emotivo criador, também animado pela Vontade, impulsionadora da Criação Espiritual. São esses os três factores dominantes que eu procuro sempre que imperem no meu pensamento filosófico, só assim caracteristicamente português. Filosofia e Poesia em Ação Voluntariosa, entusiasmaticamente, exaltadamente Voluntariosa é o que é próprio dos mais Altos Espíritos do nosso povo, tendo sido o que nos levou aos mais assombrosos Descobrimentos Marítimos. E congratulo-me bastante com o facto de vêr o Dr. Antonio Quadros respirar, com progressivo êxito, no que há de mais profundo e elevado na [3] atmosfera mental propriamente portuguesa. É um elemento valioso de quem muito há a esperar. E digo-o sinceramente pois é característico de mim o Culto da Verdade.

Passando agora a tratar do que diz respeito à nossa revista – permita-me que diga *nossa* – tenho a dizer que lhe envio, como vê, a folha 13, perdida

9 Leal refere-se ao seu artigo «Cínicos e estóicos heracletianos», publicado na *Acto*, números 1 e 2, de 1 Out. 1951 e 1 Mar. 1952, p. 15-16 e 42-44. A acompanhar o texto, saiu também uma pequena notícia biográfica e interpretativa não assinada sobre Leal, que este atribui à pena de Quadros. Apresentamos essa notícia em anexo a este trabalho.

10 Leal refere-se aqui ao ensaio de Quadros «O que é a “modernidade”? Carta a um crítico Anti-Moderno» (que visa Castro Osório) publicado nas pp. 6-11 do primeiro fascículo da revista *Acto*, onde procura conciliar o conceito de modernidade poética com o conceito romântico de inspiração.

na tipografia, a qual copiei do rascunho que conservo do meu artigo. Vae, pois, juntamente com a parte que teve a bondade de me enviar e que, é claro, restituo.

Como a que foi já publicada, tra[4]zia algumas gralhas entre as quaes dez duma certa importância por deformarem um pouco o sentido das frases, também lhe restituo o que está impresso para lhe indicar quaes foram essas gralhas. E rodeio com um circulo as emendas que correspondem ás mais importantes. Faço isso para lhe pedir encarecidamente que faça todo o possível por que a continuação do artigo não venha gralhada pois o contrario seria muito desagradável. Se quizer mandar-me as provas, eu revejo-as imediatamente e imediatamente as reenvio. Descul[5]pe-me tratar deste assunto tipográfico a que, aliás, também decerto dará importância, não gostando de vêr gralhas no que publica. Elas são um dos grandes tormentos dos escritores.

Com a maior consideração intelectual me confesso

Seu muito admirador e obrigado

Raul Leal

S/C Rua Claudio Nunes (a Benfica), 55

25 de Abril 1955

Meu prezado Confrade

Como não sei qual a direcção do Dr. Alvaro Ribeiro, muito grato lhe ficarei entregando-lhe a carta que, juntamente com esta, envio. Desculpe fazer este pedido, a que sou forçado pois doutro modo a referida carta não ia ao seu destino, o que seria deplorável visto que – segundo penso – é [2] muito importante e necessária. Desde que o Dr. Alvaro Ribeiro, num artigo do *Diario de Noticias*, falou de *filosofia portuguesa* e admitiu que viesse a dominar o Mundo, era um dever meu de consciência escrever-lhe a este respeito, já que não tenho jornal ou outra publicação onde pudesse expôr lealmente, desassombradamente o meu parecer sobre assunto tão momentoso visto que, como sabe, sou sistematicamente banido, escorraçado [3] de toda a parte, sendo por todos tido como o *pior homem de Portugal* do mesmo modo que o escritor e mago inglez Aleister Croley (que veio propositadamente a Lisboa pra me conhecer, conforme posso provar com cartas que me dirigiu), do mesmo modo que esse escritor e mago que se assinava

Mestre Thérion ou 666 (numero da *inteligencia concreta* ao contrario de 888, adotado por mim, o qual é o da *inteligencia abstrata*), era tido pelo *pior homem de Inglaterra*. [4] Tenho lido atentamente os seus artigos, sempre elevadíssimos. Interessou-me, sobretudo, muito, o ultimo, a respeito de Fernando Pessoa. É bem mais profunda e logica, racional do que a explicação absurda, mesmo obscena que dá o Gaspar Simões das varias personalidades criadas pelo Fernando *metapsiquicamente*, a que o Dr. Antonio de Quadros apresenta no Seu artigo, ainda que, a meu ver, não seja completa. Muito gostaria que lesse a minha carta ao Dr. Alvaro Ribeiro.

Seu sincero admirador

Raul Leal

13 de Novembro de 1956

Benfica

Meu prezado Confrade

Acompanho-O sinceramente no seu grande desgosto pela morte inesperada do Seu Pae que tão útil foi ao nosso país e á actual situação politica portuguesa, fazendo lá fora uma interessante propaganda das nossas cousas, sobretudo de carater popular, aliás, fonte [2] imortal das Grandes Criações do Espirito.

Beijo respeitosamente as Mãos da Sua Exma Esposa e de Sua Ilustre Mãe.

Envia-lhe um apertado abraço o

Seu muito admirador

Raul Leal

III

Deste conjunto de cartas de Raul Leal que aqui se apresentaram deve notar-se que a de 1949, não tendo destinatário explícito, e de que não se encontrou no espólio envelope, pode permitir colocar a hipótese que tenha sido enviada a António Ferro, à data ainda director da Revista *Atlântico* (que terminará no ano seguinte), de que Orlando Vitorino era redactor e onde António Quadros já colaborava. Leal responde ao pedido que lhe é

feito de colaboração para essa revista enviando o manuscrito do texto «As Tendencias Orfaicas e o Saudosismo» que só muito mais tarde será dado à estampa¹¹. Traz a indicação manuscrita a lápis, sublinhada na vertical: *impossível*, que pode ter sido lavrada pelo punho de algum dos três (pela caligrafia não o conseguimos identificar), em resposta ao envio desta proposta de publicação de Leal, que deve ter sido considerada inadequada à sua linha editorial. Como se depreende da leitura da carta seguinte, pouco tempo depois desta rejeição, entre 1951-1952, Leal é acolhido nas páginas da revista *Acto*. O texto de apresentação de Leal, não assinado (que coligimos em Anexo a este trabalho), procura, nas suas palavras, desagrává-lo das afrontas que vinha sofrendo. É significativo observar que Leal enviou uma proposta de leitura crítica sobre temas clássicos, Heraclito e Sócrates, interpretados por estoicos e cínicos, para uma revista de intervenção filosófica nacional e que é hoje contada como um dos pioneiros órgãos da *filosofia portuguesa*. Em contrapartida, a sua colaboração, requerida, de reflexão sobre um tema cultural português, numa publicação como a *Atlântico*, foi rejeitada. Na carta de 1951, Leal saúda a revista *Acto* e o projecto de uma filosofia portuguesa, mas esclarecendo que o seu conceito de *Filosofia* é tão aberto e fluído que inclui a Poesia e a própria Acção e que a instância da Razão, historicamente entendida como um órgão ou um lugar de tratamento de conceitos, teria de ser *vitalizada*. Nessa carta percebemos que existia uma relação prévia entre Leal, Quadros e Orlando Vitorino, pelo menos desde *Acto*. Já na carta de 1955, Leal pede a Quadros para entregar uma carta (que anexa) a Álvaro Ribeiro, redigida na mesma data, que revela o conhecimento que tem da proximidade existente entre Quadros e Ribeiro (que Leal nessa data não conhece pessoalmente) e, porventura, da dinâmica interna do grupo da Filosofia Portuguesa: Esta carta *que o poeta nos escreveu, com data de 25 de Abril de 1955, a propósito da defesa de uma filosofia portuguesa, que aplaudia entusiasticamente* foi recebida por Quadros como também sua, o que correspondia à vontade do seu remetente, como se pode ler na sua última frase. Leal lamenta não ter fácil acesso a espaços públicos de intervenção escrita. Compara o seu destino ao do escritor Aleister Crowley, no que diz respeito às humilhações por si

11 Este texto transcreve importantes excertos da correspondência de Marinetti, que Quadros irá valorizar.

política portuguesa». Além destas quatro cartas encontra-se no espólio o já referido manuscrito das *Tendências Orfaicas*, um cartão de visita e o recorte de jornal com o artigo «O Sentido Esotérico da História» intervencionado com um longo acrescento manuscrito de Leal e um apontamento também manuscrito de Quadros assinalando ser aquela nota do punho do próprio autor de *Liberdade Transcendente*.

IV

António Quadros assume duas matrizes fundamentais ao longo do seu percurso reflexivo: o *pensamento existencial* e a *filosofia portuguesa*, conforme relata em «A cultura portuguesa perante o existencialismo», importante texto introdutório a *Sartre e o Existencialismo* de Ismael Quiles¹², de 1958. Este texto de Quadros faz lembrar a «Carta Íntima» de Bruno, aposta como introdução da sua *Ideia de Deus*, de 1902, ou certos passos de *A Literatura de José Régio* de Álvaro Ribeiro, de 1969. Referimos estas afinidades para dar conta de uma atitude convergente, pela proximidade com estes registos com que seguramente se identificaria. Trata-se de um texto simultaneamente memorial e tético, autobiografia reflexiva e ensaio de apresentação individuada do existencialismo, a partir da premissa de que a história cultural se inscreve numa comunidade histórica.

Recordemos que Raul Leal nasce duas gerações antes de António Quadros. Leal é da geração de Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra. Quadros assumir-se-á como *discípulo* directo dos discípulos de Leonardo, nomeadamente Álvaro Ribeiro e José Marinho com quem a sua obra dialoga vasta e profundamente¹³. A este respeito destaque-se a obra de síntese *Memórias das Origens. Saudades do Futuro*.

12 A, QUADROS, «A cultura portuguesa perante o existencialismo», in I. QUILES, *Sartre e o Existencialismo*, trad. L. Pestana (Coleção Arcádia, n.º 6), Editora Arcádia, Lisboa 1959, pp. 7-39.

13 Álvaro e Marinho mantiveram durante décadas uma tertúlia que foi designada por Pinharanda Gomes como a *Escola Portuense* em Lisboa. Este, companheiro de geração de Quadros, enumera os membros do grupo como sendo Orlando Vitorino, João Ferreira, António Telmo, Afonso Botelho, António Braz Teixeira e outros. Cf. J. PINHARANDA GOMES, *A Escola Portuense*, Caixotim, Porto 2006.

Valores, mitos, arquétipos, ideias, de 1992, onde o autor procura conciliar as suas perspectivas sobre crítica literária com a filiação no movimento da filosofia portuguesa. Refira-se ainda que sendo a obra própria de António Quadros independente da de seu pai, António Ferro, em vários momentos da sua obra essa filiação é assumida como uma pré-história pessoal, o que se manifesta, nomeadamente, no seu esforço de edição e crítica do chamado primeiro modernismo português. Neste sentido, ainda antes de contactar com Raul Leal e a sua obra, em fins dos anos 40, segundo podemos apurar neste momento, Quadros estaria já muito atento ao envolvimento de Leal e Ferro na aventura de *Orpheu*.

Não foram encontrados no espólio de António Ferro cartas ou outros originais de Raul Leal. Não podemos deixar de registar a tensão interna entre republicanos e monárquicos no seio de *Orpheu* e que Alfredo Guisado (Pedro de Menezes) e António Ferro se desvincularam da estrutura orgânica da revista *Orpheu* por carta pública ao jornal *A Capital*, de 6 de Julho de 1915, na sequência não só da distribuição do violento panfleto contra Afonso Costa, *O Bando Sinistro*, de Raul Leal, como também de um violento artigo de Álvaro de Campos no qual este afirma que «seria de mau gosto repudiar ligações com o futurismo numa hora tão deliciosamente dinâmica em que a própria Providencia Divina se serve dos carros eléctricos para os seus altos ensinamentos»¹⁴ (em alusão a um acidente que vitimara o mesmo Afonso Costa). O jornal lamenta a afirmação de Campos em «Antipático Futurismo – os poetas do *Orpheu* não passam afinal, de criaturas de maus sentimentos».

Em vários pontos dos seus textos memoriais, Leal se refere a si, Pessoa e Sá-Carneiro como formadores de uma *triunidade* metafísica que presidiria ao pensamento de *Orpheu*. Leal desvaloriza nos outros participantes do grupo o que considera ser a sua inconsciência filosófica e a sua relativa conformação com o espírito dominante do seu tempo. Recorde-se o passo no qual Leal lamenta que após a morte de Sá-Carneiro só «Ele [Pessoa] e eu, dentre os vivos, fomos os únicos a conservar-nos intransigentes nos nossos princípios revolucionários de vida. Tudo o

14 Citado em F. PESSOA, *Obra Completa de Álvaro de Campos*, ed. J. PIZARRO – A. CARDIELLO (2ª ed.), Tinta da China, Lisboa 2021, p. 539.

mais debandou burguesmente». Já noutro lugar procurámos explicitar e comentar este trecho¹⁵.

Tenhamos assim em conta que quando Quadros muito jovem se estreia nas letras, Leal se encontra perto dos sessenta anos, sendo já autor de uma vasta obra édita e ainda maior inédita. António Quadros é aliás um dos responsáveis pela transformação do ideário de Álvaro Ribeiro, expresso desde 1943 em *O Problema da Filosofia portuguesa*, num corpo doutrinal coeso e orgânico que se manifestou na edição e coordenação de revistas como *Acto* (1951-1952), *57* (1957-1962), *Espiral* (1964-1966), entre outros empreendimentos editoriais¹⁶, marcando uma intervenção pública que visava assumidamente influenciar a comunidade nacional no sentido preconizado em obras programáticas como *O espírito da cultura portuguesa*. Quadros procurou encarar e estatuir as teses de Álvaro Ribeiro como base de um movimento interventivo com grandes consequências na reinterpretação da história, da cultura, da filosofia e da arte portuguesas. É nítida desde cedo na acção de António Quadros como *crítico literário*, ou melhor, em lato senso, *crítico cultural*, o seu projecto de *reconstrução do passado*, através de uma leitura reinterpretação, da renovadora chamada de atenção para autores até então desatendidos ou mesmo do levantamento de fontes até aí desconhecidas por ocultadas ou inéditas. Esta operação que entendemos como *reconstrutora* do passado implicou o estabelecimento de uma genealogia em que as suas próprias teses pessoais se irão inscrever como que num articulado de nexos necessários, elos de uma linhagem cultural organicamente concebida.

Ponto central da obra de Quadros é a apresentação de padrões organizativos, como que topográficos, das correntes, escolas, movimentos da cultura portuguesa. A isto se pode designar como *historiologia* da tradição cultural portuguesa, especialmente a literária e a filosófica, isto é:

15 Cf. o nosso estudo «Raul Leal: Leitor de Pessoa, Leitor Pessoaano, Leitor de Si Mesmo», aposto como introdução de LOPO – NATÁRIO – EPIFÂNIO (org.), *Raul Leal: Leitor de Fernando Pessoa...*, op. cit., pp. 15-53.

16 Para uma aclaração da acção de Quadros neste âmbito veja-se o nosso estudo «António Quadros no debate cultural português», in M. FERRO – P. MARTINS – R. LOPO (coord.), *António Quadros e António Telmo. Epistolário e Estudos Complementares*, Labirinto de Letras – Fundação António Quadros, Lisboa 2015. O profuso trabalho de apresentação das figuras do grupo em anotação à sua ocorrência nestas cartas procura dar conta da dimensão programática e grupal do movimento.

do estabelecimento de esquemas gerais de inteligibilidade da história cultural portuguesa. É difícil relacionar esta proposta cartográfica com a tentativa de conciliação do pensamento existencial com a *filosofia portuguesa*. Esta tentativa de síntese parte da recusa das grandes noções do idealismo filosófico, em nome de uma experiência de *autenticidade* dada pela existência individual concebida como verdade irrefutável, mas afinal tida como necessariamente mediada pela *comunidade nacional*. Esta matização deve ter parecido desconcertante aos cultores do pensamento existencial que viam essa *comunidade* como uma abstracção inibidora da própria autenticidade individual perseguida. Para Quadros, todavia, ela mesma constitui-se como um dado existencial constitutivo, estruturante e irredutível, como que fundamental, sem a qual o indivíduo não se consegue sequer pensar e situar enquanto humano. A pátria, nação ou comunidade historicamente circunscrita num espaço-tempo seria assim anterior e formadora de qualquer expressão individual e existencial a adoptar.

Quadros procede a um exercício, entre o heurístico e o hermenêutico, para qualificar Raul Leal como um modernista radical, mas destaca no seu pensar elementos que o estatuiriam como um tradicionalista, ainda que heterodoxo. Isso implica da sua parte um esforço teórico de maneja-mento do sentido mais comum destas categorias. Para Quadros, como se verá, a *Modernidade* não é incompatível com a *Tradição*. Apesar de explicitamente anunciar numa obra tardia como *O Primeiro Modernismo Português. Vanguarda e Tradição* (1989) a intenção de redigir um estudo específico sobre o autor de *Sindicalismo Personalista*, as muitas referências que lográmos aqui convocar parecem por vezes apenas instrumentais, encarando-o como autor de uma reflexão sobre Portugal e obliterando do seu pensamento a sua complexidade, a sua prolixa formação de conceitos (ainda que estes sejam tidos como frágeis) e as suas irredutíveis e assumidas contradições.

Nos estudos de Quadros sobre Pessoa, Leal surge inevitavelmente descrito como um companheiro das suas aventuras vanguardistas, no *Orpheu* e nas outras revistas do modernismo. Todavia, sublinha a sua acção singular como pensador da história de Portugal, e de seu sentido oculto, a partir da ideia de uma lusitanidade espiritual ou mítica. Raul Leal é visto como um pioneiro do *paracletianismo*, isto é, da doutrinação

da centralidade da terceira pessoa da trindade, vista como chave revelacional da Idade Futura da humanidade, um adepto do messianismo (em diálogo com a clave sebástica sem a ela se subordinar) e do profetismo quinto-imperial, unindo a matriz judaica da cultura portuguesa ao pentecostalismo medieval joaquimita, na esteira de Pessoa e Augusto Ferreira Gomes, e antecipando Jaime Cortesão e Agostinho da Silva.

Mais que um expositor pretensamente neutral da cultura portuguesa em sua diversidade, Quadros é cultor de uma posição programática. Assim, o autor de *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista* ou *Introdução à Filosofia da História*, valorizará em especial este aspecto da Obra de Leal, talvez não tendo chegado a conhecer os textos em que Leal o contradiz ou de tal se parece distanciar. A apresentação de Leal como um autor *estranho, perturbante* e excêntrico às correntes dominantes não impede Quadros de o reconhecer como um dos influenciadores de Fernando Pessoa e um *puro* cultor de ideias *inspiradas* de tipo mitopoético sobre Portugal, como a da sua origem atlante, a do influxo templário na sua história e a do projecto paracético, que não nos parecem pertencer ao corpo filosófico ou metafísico fundamental da sua obra, mas a momentos pontuais da sua expressão exotérica. À semelhança do que sucede com Pessoa, há em Raul Leal uma constante remissão a fundamentos metafísicos e ontológicos que parecem desmentir os gestos interventivos situados e as concreções histórico-culturais em que se foi enredando. Há para cada posicionamento artístico, estético ou ideológico um visar do Absoluto que o matiza e parece anular.

Em 1957, ano em que lança o *Jornal 57*, assinalando o centenário de Sampaio Bruno, Quadros dá à estampa também, com Fernanda de Castro, a edição por si preparada de poemas de António Ferro *Saudades de Mim*¹⁷, título colhido em Sá-Carneiro. No seu prefácio, aponta *Orpheu* como um projecto ideológico, desvalorizando a já aludida oposição entre republicanos e monárquicos no seio da revista: «Souberam continuar e expandir o espírito de *Orpheu*, cada qual a seu modo: Pessoa, Sá-Carneiro, Almada, Raul Leal – e António Ferro»¹⁸.

17 Cf. A. FERRO, *Saudades de mim*, Bertrand, Lisboa s.d. [1957].

18 A. QUADROS, «Prefácio», in FERRO, *Saudades de mim*, op. cit, p.15.

Depois de enumerar o contributo de cada um destes três, acrescentando Almada Negreiros, explicita o aporte de Leal,

estranho filósofo do paracletismo, escritor que pouco a pouco foi sendo posto à margem devido à pressão social das correntes dominantes, do fundo do seu isolamento ou do seu exílio mantém no entanto a pureza de uma perturbante mas profunda inspiração¹⁹.

Para Quadros, a acção de Ferro «não foi senão a tradução do espírito do *Orpheu* em termos de acção institucional e política»²⁰. A *Política do Espírito* aparece aqui interpretada como expressão e síntese, ou apropriação, dos contributos artísticos de Sá-Carneiro, assim como

do sopro patriótico de Pessoa que da *Renascença* [...] trouxera ao modernismo aquela dimensão de concretismo espacial que corrige a vertigem do tempo puro e abstracto e lhe fora ensinada por Sampaio Bruno e Teixeira de Pascoaes. Este facho, esta bandeira de fogo difícil e estranha, a conciliação da inquietude modernista ou até futurista com a radicação nas potencialidades tradicionais, em suspensão ou em germe, da pátria portuguesa, seria levantado ao alto, nesta geração, por Fernando Pessoa [...]; por Raul Leal, no seu messiânico paracletismo; por Almada Negreiros [...] e finalmente por António Ferro²¹.

Esta filiação da *Política do Espírito* no espírito de *Orpheu* é contrariada pelas interpretações presencistas e pela historiografia cultural actualmente dominante que opõem o ideário cosmopolita e europeísta da revista ao nacionalismo cultural do Estado Novo tal como este era concebido por António Ferro. Por seu lado, Leal assumiu-se desde 1913 como teórico metafísico do *Vertiginismo*, contra todas as concreções possíveis.

Em *A existência literária*, de 1959, a propósito das novas tendências na literatura e na sua crítica, Quadros procura salvaguardar que da psicanálise junguiana muito se possa esperar, bem como do surrealismo, desde que

19 QUADROS, «Prefácio», op. cit., p. 16.

20 QUADROS, «Prefácio», op. cit., p. 17.

21 QUADROS, «Prefácio», op. cit., pp. 18-19.

liberto do seu freudismo de base, assim como do pensamento existencial, desde que este supere a acção de Sartre. Para o futuro autor de *Portugal Razão e Mistério* muito há a esperar dos criadores literários que *recuperam* o sentido do simbólico e do mágico, do inconsciente profundo, entre os quais elenca Kafka ou Hermann Hesse. Os únicos portugueses aqui convocados são, inesperadamente, Fernando Pessoa, Agustina Bessa-Luís e Raul Leal. Quadros sublinha na modernidade os aspectos que lhe parece continuarem, relerem, reverem ou reapresentarem a *tradição*, e não os que dela cōnsčia e consistentemente se afastam. Este livro constituiu um ponto da situação de como a literatura do seu tempo se encontrava marcada pelo pensamento existencial, tornando-se *singular e concreta*. Quadros procura todavia dilatar o que lhe parecem ser os limites autoimpostos do existencialismo como corrente literária, considerando que a sua recusa das *grandes abstrações* impedia o reconhecimento que o indivíduo concreto se poderia entregar a Deus ou à Pátria também como grandes projectos ideais e existenciais, entendidos como caminhos de autenticidade.

Na sequência desta tomada de posição, em *O Espírito da Cultura Portuguesa*, de 1967, pode ler-se:

Fernando Pessoa, que se estreou literariamente na *Águia*, dirigida por Leonardo e Pascoaes, com os ensaios famosos sobre “A nova poesia portuguesa”, foi como que o sintetizador de todas estas tendências e correntes de pensamento. Pode dizer-se que a sua teorização do *transcendentalismo panteísta* abarcou todas as intuições filosóficas e religiosas, menos heterodoxas do que sequiosas de liberdade espiritual, que afloravam no messianismo de Bruno e Junqueiro, no criacionismo de Leonardo e no saudosismo de Pascoaes. Mais tarde, Fernando Pessoa expressaria as suas próprias teses, convergentes com as dos seus antecessores, mas utilizando armas mais agressivas contra a mediocridade dos nossos positivistas e metafísicos. Seu companheiro, Raúl Leal iria desenvolver, ao longo destas décadas, um perturbante pensamento paracletista, onde as grandes iluminações e as ideias fogosamente expressas anunciam uma filosofia não facilmente apreensível, mas vinculada a uma visão cuja transcendentalidade está sempre presente, embora irreduzível a conceitos puramente positivos e racionalistas²².

22 A. QUADROS, *O Espírito da Cultura Portuguesa*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa 1967, p. 319.

Pessoa e Leal são apresentados como pensadores de grande abrangência sintética vinculados a uma *transcendentalidade*, não definida, e reconhecida como *difícilmente apreensível*. Quadros parece aqui implicitamente desvalorizar o *sensacionismo* ou o *objetivismo* de parte da obra poética e teórica pessoana. Por seu turno, Raul Leal apresenta um programa de fusão absoluta das grandes dicotomias filosóficas, não das dualidades adentro do idealismo, mas pretendendo fundir idealismos e realismos, positivismos e espiritualismos. Leal e Pessoa são aqui vistos como irredutíveis a conceitos exclusiva ou estreitamente racionalistas, o que faz algum sentido desde que se tenha também em conta que as obras dialogam profusa e complexamente com as correntes racionalistas, materialistas e críticas.

Em *Introdução à Filosofia da História*, de 1982, Quadros irá propor a tese de que o profetismo exerceu poderosa acção sobre a vida portuguesa, e uma das suas formas, o sebastianismo, simultaneamente nacional pela sua história concreta e universal pelo seu fundo messiânico,

veio inserir-se no mito do Quinto Império, o qual por sua vez, além da sua filiação bíblica se liga à heresia dos espirituais, ou ao culto do Espírito Santo, [...]. O que é originalíssimo não é qualquer destes mitos em separado, mas a junção de todos eles num só e grande mito nacional que, todavia, não é só nacional, pois é universalizado pelo seu carácter paraclético e apocalíptico. Esta amplitude explica que tal mito nacional haja sido retomado e até reasumido por alguns dos espíritos mais poderosamente criadores da nossa cultura como Garrett, António Nobre, Teixeira de Pascoaes, Raul Leal, Afonso Lopes Vieira, Fernando Pessoa ou Agostinho da Silva²³.

Num outro passo da mesma obra, Quadros inscreve Leal na tradição do *mais autêntico sebastianismo*, que seria uma síntese de messianismo judaico, messianismo para-cristão, na medida em que se parece cristianizar o Encoberto, e o que Quadros designa como reencarnacionismo redentorista, que parece assumir a reiteração periódica das atribuições salvíficas a avatares dotados de características comuns, numa impossível conciliação de progressão histórica e ciclicidade mítica:

23 A. QUADROS, *Introdução à Filosofia da História*, Verbo, Lisboa 1982, p. 218.

O regresso para quê? Para fundar o Quinto Império. Quer dizer, Cristo, o Messias, miticizaram-se em D. Sebastião; o reino de Deus miticiza-se no Quinto Império. E porque há mito? Precisamente porque se concebe uma história humana de novo inteiramente sujeita à história divina, um tempo profano de novo subordinado ao tempo sagrado e cíclico. A *encarnação* deixa de ser um fenómeno único, irrepetível e histórico, para ser algo que se repetirá ciclicamente e necessariamente. Não compreenderá o sebastianismo quem não o interpretar em termos de messianismo. Isto o mostrou muito claramente Sampaio Bruno. Mas a visão de Sampaio Bruno é quanto a nós ainda incompleta. É que, para o sebastianismo mais autêntico, o de António Vieira, o de Fernando Pessoa, o de Teixeira de Pascoaes, o de Raul Leal, este messianismo é simultaneamente cristão e mítico. É cristão porque em geral não negam que o Cristo tenha sido o Messias encarnado de um ciclo temporal; é para-cristão porque atribuem aos D. Sebastião do reencarnacionismo português os atributos paracléticos e redentoristas do Salvador, sejam eles *O Encoberto* regressado numa manhã de nevoeiro, o Presidente-Rei Sidónio Pais ou o próprio Pessoa, que chegou por momentos a autoconsiderar-se sebasticamente; é mítico, porque justamente o integram num tempo circular e num necessitarismo teofânico.²⁴

A primeira parte da citação procura prosseguir e desenvolver a leitura que o autor de *O Encoberto* faz do fundo profético da cultura portuguesa. Todavia, para Bruno, o Encoberto é o Humano em humanização num processo no qual o *género* é indispensável mediação e não qualquer *príncipe predestinado* ou messias político ou espiritual. Quadros procede à inscrição do nome de Raul Leal como um dos mais significativos representantes do messianismo português. Mas Leal não é apenas um original anunciador da vinda de um *messias*. Ao apresentar-se publicamente e assinar como Henoch assumiu a mais tradicional das figuras, a do *profeta*, mas fê-lo ao modo de uma *performance* individual muito própria de contornos também futuristas e iconoclastas.

No livro *A Ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*, de 1989, Quadros convoca o célebre passo de Pessoa em que este

24 QUADROS, *Introdução à Filosofia da História*, op. cit., p. 226.

define o Quinto Império como a reunião das duas forças que, de há muito separadas, há muito igualmente se continuam aproximando:

o lado esquerdo da sabedoria, ou seja a ciência, o raciocínio, a especulação intelectual; e o seu lado direito – ou seja o conhecimento oculto, a especulação mística e cabalística. A aliança de D. Sebastião, imperador do mundo, e do Papa Angélico, figura esta nova aliança, esta fusão do material e do espiritual, talvez sem separação. E o próprio segundo advento, ou nova encarnação do mesmo adepto em que outrora Deus projectou ou o seu símbolo ou filho, não faz senão figurar doutro modo esta mesma aliança suprema²⁵.

Quadros acrescenta de seguida um importante comentário. Num período em que a importância da obra de Fernando Pessoa começava a ser reconhecida, Quadros coloca a hipótese de que o seu ideário messiânico e quinto-imperial seria tributário do pensamento paracletiano de Leal: «Este texto teria ecos do paracletianismo de Raul Leal seu amigo e antigo companheiro de *Orpheu*, e define bem a religião sebastianista.» Esta adição implica que Quadros talvez tenha tido acesso a um *corpus* textual ainda desconhecido e inédito. Na recente edição de textos de Leal que organizámos procurámos mostrar como Pessoa dialoga em sua obra com os textos de Leal, de forma explícita ou não. Sugerimos também a própria precedência de certos temas em Leal.

Em *O Primeiro Modernismo Português* (1989) pode ler-se que as peças de Leal incluídas em *Orpheu* e em *Centauro* não se poderiam classificar como modernistas em sentido estrito, mas como expressões da *atmosfera simbolista e transcendentalista*, que seria *outra das linhas de força do movimento*. Leal teria *só aparentemente* aderido ao futurismo, procurando antes torná-lo numa doutrinação neo-religiosa:

É já hoje igualmente conhecido²⁶ que a *Carta a Marinetti*, durante muitos anos atribuída a Fernando Pessoa por ter sido encontrada no espólio deste último, em inglês, era na realidade de Raul Leal. Pessoa ter-se-ia limitado a

25 A. QUADROS, *A Ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*, Fundação Lusíada, Lisboa 1989, p. 160.

26 Reconhecimento devido ao esclarecimento prestado por Pinharanda Gomes.

traduzi-la para inglês, e em verdade o estilo é característico de Leal. A adjetivação estranha, senão bizarra, o excesso de paixão, que se aproxima do desregramento intelectual, a idealização ucronística e utopística levaram muitos a compará-lo a Ângelo de Lima²⁷ – seria outro louco de *Orpheu*.

Esta comparação reveste-se de um duplo sentido histórico. Por um lado, Lima, Leal, Santa-Rita Pintor ou Sá-Carneiro foram qualificados como *literatura de manicómio*, estigmatizando a doença mental e desqualificando a sua obra literária por esse estigma mais do que a analisando. Por outro lado, a consciência formal modernista passa justamente pela invenção de vocábulos, subversão da sintaxe, transgressão do ritmo clássico e a prática de quebras (sob a forma de hífenes, reticências, maiúsculas e outros dispositivos que fariam escola).

Raul Leal, que ainda conhecemos bem e de quem publicámos o estudo «Cínicos e estóicos heracletianos» na revista *Acto*, de 1952, vivia em permanente estado febril e de grande excitação nervosa (ele, que fora riquíssimo, licenciado em Direito, tudo perdera até ficar na miséria, e fora objecto de escândalos públicos pela sua vida íntima e pela sua obra social, política, religiosa e culturalmente heterodoxa em relação a todo o *statu quo* vigente), relevando não tanto da alienação mental, como da sua forma excessivamente emotiva de estar na vida, sequiosa de absoluto e desafiante dos tabus de todas as cores.

Expressando o projecto de proceder a um estudo detido sobre Raul Leal e recordando ter sido seu convivente, destinatário epistolar e editor, Quadros poderia ter aqui dedicado algumas linhas ao aludido texto sobre Heraclito, cinismo e estoicismo. Mas o entusiasmado interesse de Quadros pelo messianismo e profetismo, no quadro da história cultural portuguesa, matizaria a centralidade de que esses temas na Obra de Leal

27 A comparação de Lima com Leal foi historicamente tão forte que encontrámos no espólio de Fernando Pessoa um inédito em prosa atribuído a Raul Leal redigido em papel timbrado do Hospital Bombarda. Uma análise mais atenta do documento permitiu restituir a sua autoria a Ângelo de Lima. Da relação entre estes autores e desta descoberta damos conta no estudo introdutório que colocámos no nosso volume *Â. DE LIMA, Obra reunida*, ed. D.D. Braga – R. Lopo, BNP, Lisboa 2023.

se revestem. O alegado lusocentrismo do pensamento lealino sofreria um forte abalo se fosse detidamente apresentada a sua peculiar leitura daquelas escolas filosóficas de raiz helénica, sobretudo pelo seu forte viso ontológico:

Os seres não se consomem perdidamente no Fogo Aniquilante e Criador mas vivem-se em si próprios como sua própria Força essencial dominadora e quando se infinitizam não se dissolvem no Todo Universal à maneira nirvânica ou budista mas, pelo contrário, integram-se em si próprios, tornando-se pessoalmente o Infinito, tornando-se só assim verdadeiramente supremas existências²⁸.

Quadros procura resumir o lugar de Leal no quadro da primeira geração modernista dando conta da incompreensão por si sofrida pela sua biografia excêntrica, marcada por uma *ânsia de absoluto*, descrita mais como um emotivismo subjectivo do que suficientemente teorizada. Por um lado, as inovações formais do seu estilo teriam impedido a sua fácil inteligibilidade ou aceitação por leitores formados por uma escrita clássica ou romântica. Por outro lado, Quadros não parece atender que a crítica só começa a reconhecer a importância desses dispositivos formais a partir da consideração do contributo surrealista e da *Poesia Experimental*.

A sua bibliografia, relativamente vasta, estudada por João Gaspar Simões, por Artur Anselmo, por Banha de Andrade, por Santana Dionísio, por Álvaro Ribeiro e principalmente por Pinharanda Gomes²⁹, dadas as suas intuições fulgurantes, embora expostas através de um estilo difícil e desregrado mereceria sem dúvida um capítulo à parte, mas cremos que não num livro como este, dedicado ao modernismo propriamente dito.

É que, do futurismo à Marinetti, ou da vanguarda à Sa-Carneiro ou à Fernando Pessoa, Raul Leal retém apenas dois aspectos: o caos da vida moderna, uma vida sem valores transcendentais, que faz corresponder à época do Anticristo, precursora de um futuro luminoso, é como que o

28 R. LEAL, «Cínicos e estóicos heracletianos», *Acto*, 2 (1952) 42-44, pp. 43-44.

29 Os textos aqui referidos, da autoria destes autores correspondem a artigos de imprensa coligidos por Pinharanda Gomes na sua edição de R. DE O.S. LEAL (HENOCH), *O Sentido Esotérico da História*, Livraria Portugal, Lisboa 1970.

nigredo anterior ao *albedo*; e a ideia de um futuro *outro*, mas um futuro que é o da Idade do Espírito Santo, do Divino Paráclito, a Idade Paracletiana, sobre a qual tem ideias extremamente pessoais se não insólitas.

Quanto ao primeiro aspecto, o alquímico, valerá a pena citar parte de uma carta que o poeta nos escreveu, com data de 25 de Abril de 1955, a propósito da defesa de uma filosofia portuguesa, que aplaudia entusiasticamente:

Quadros, valorizando o carteio de Marinetti com Leal, cita neste ponto o excerto da sua carta que apresentámos acima na íntegra, em que Leal se compara a Crowley, referindo-se à tese lealina sobre «o cariz metapsíquico dos heterónimos pessoanos».

Quanto ao segundo aspecto não há dúvida de que Raul Leal é o primeiro pensador português do nosso século a retomar teoricamente a tradição portuguesa do Império do Espírito Santo baseado na teoria das 3 idades ou dos 3 reinos do Joaquim de Flora, o *do Pai, do Filho e do Espírito Santo ou do Paráclito* como Espírito da Verdade, da Liberdade e do Amor, tradição fundada entre nós por Dom Dinis, por Santa Isabel e pelos franciscanos espirituais de Alenquer, relacionando-a com o mito do Quinto Império e dando-lhe aliás uma interpretação extremamente heterodoxa.

A par de Jaime Cortesão, aqui não convocado, Leal é visto como um pioneiro retomador da tradição joaquimita, que articularia com a expectativa quinto-imperial. Nesse sentido, para Quadros, Leal não se apresenta como um modernista com laivos tradicionais, mas como um tradicionalista em si mesmo, ainda que *heterodoxo*, que se teria apenas servido da dinâmica modernista:

Raul Leal não é pois um vanguardista que reencontra a tradição, é um tradicionalista heterodoxo que procura canalizar as energias do vanguardismo e do futurismo seus contemporâneos para a realização de um fim ou de um *telos* que entraria por assim dizer nos genes da recôndita e bloqueada personalidade portuguesa. Como acentuou Pinharanda Gomes, preconizava “uma nova divisão da história em idades pagã, cristã, neo-pagã e paracletiana, vendo-se ele próprio como uma reencarnação de Henoch, antepassado de Noé, encarnação quarta de Hermes, destinado a criar a

igreja futuro-paracletiana de amanhã”. No artigo «O sentido esotérico da História», incluído por Pinharanda Gomes na recolha póstuma com este mesmo título, escrevia Raul Leal: «Ao Maravilhoso Cristão sucederá, de facto, o Maravilhoso Paracletiano expresso na divina e vertiginificante Astralêdia, de que eu apresentei um esboço numa carta memorável que escrevi em 1921 ao meu amigo Marinetti, fundador do futurismo, com quem me corresponди amplamente, assim como em 1924 num manifesto sobre Mario Eloy, e mais tarde num famoso artigo da *Presença*, (posteriormente integrado na minha obra *A Idade Paracletiana*)».

Publicado no *Diário da Manhã* em 1962, deste texto foi cortado pela sua direcção ou redacção um dos mais interessantes fragmentos, que o próprio autor reconstituiu, escrevendo-o à mão nas margens do jornal que por correio nos enviou. Facultámos a Pinharanda Gomes o referido fragmento, reproduzindo o autor da *História da Filosofia Portuguesa* em nota de rodapé o respectivo capítulo na citada recolha³⁰.

A recolha que Pinharanda Gomes efectuou em 1970 de artigos dispersos de e sobre Leal, *O Sentido Esotérico da História*, transcreve em nota este referido recorte de jornal, onde se pode ler o apontamento manuscrito de Quadros: «Do punho de Raul Leal, que emendou o artigo e me enviou o ex. corrigido. A. Quadros». Pinharanda ter editado um documento que foi enviado a Quadros manifesta a intensa colaboração entre ambos, no âmbito do grupo da *Filosofia Portuguesa*. Pinharanda e Quadros lançaram em 1967-1968 o projecto da *Teoria da história em Portugal*, que tem como primeiro volume *O Conceito de História*, e em cujo segundo volume, *A dinâmica da história*, que se apresenta como uma antologia, consta novamente um breve extracto desse artigo a partir do recorte que havia sido enviado a Quadros e que Pinharanda pôde consultar e depois coligir naquela colecta, acompanhado do referido acréscimo manuscrito. Na organização interna desta investigação dos dois autores, este texto é apresentado como promanando de um *maravilhoso paracletianismo*, articulado com o mito bíblico do *quinto império*. A sua descrição

30 1955.04.25, carta manuscrita para António Quadros, acompanhada de artigo «O sentido Esotérico da História» do jornal *Encontro* de 28-05-1962. Este artigo contém anotações manuscritas de Raul Leal. PT/FAQ/AFC/01/1833/00003.

do suposto *carácter esotérico da razão providencial* estatuiria Leal como um *intérprete mítico-profético*, segundo a categorização de Quadros e Pinharanda. Leal é incluído na secção desta antologia que versa a *dinâmica da história* num quadro de interpretações escatológicas, psicológicas e sócio-religiosas, de tipos materialista, idealista ou positivista³¹. A peculiar topografia da cultura portuguesa que Quadros estabelece implica uma genealogia destes *tradicionalismos heterodoxos*, messianismos alternativos, profetismos mais ou menos heréticos, poesia inspirada, filosofias da história de base teleológica, a par das antropologias do simbólico e das psicologias do inconsciente.

[...] dizia Raul Leal nessa passagem expurgada:

«*Queiram ou não queiram, será esse o Sentido Esotérico, oculto da próxima História Redentora, guiada providencialmente por Deus*, essencializada em nós, Portugueses, que assim realizaremos o Sonho Sebastianista, o sonho Paracletiano do Quinto Império Bíblico ou Terceiro Reino Divino».

A carta de Raul Leal a Marinetti confirma plenamente a nossa ideia de que era bem diferente o futurismo de Raul Leal, um futurismo afinal supra, ante e pós-modernista. Releiamos alguns períodos bem significativos da referida carta³².

Raul Leal acentua: «a Igreja Paracletiana, cuja fundação Deus me ordenou que anuncie, é uma Igreja essencialmente Futurista». Mas é este o futurismo de Marinetti, é este o futurismo dos seus émulos portugueses entre 1915 e 1921 (sobretudo Almada, Santa Rita, Sousa-Cardoso ou Ferro)? Não, decerto. Raul Leal prevê a recusa de Marinetti ao seu conceito de que o verdadeiro futurismo deve procurar não «a razão física, externa, superficial e empírica das impressões mas a sua razão metafísica, íntima, profunda, abísmica». Escreve, efectivamente: «Posso prever a sua objecção. Mas é o

31 A. QUADROS – J. PINHARANDA GOMES (eds.), *A Teoria da História em Portugal. O conceito de História* (vol. 1) e *A Dinâmica da História* (vol. 2), Ed. Espiral, Lisboa s.d. [1967-1968].

32 Quadros serve-se da carta a Marinetti que surge como atribuída a Pessoa na primeira edição de *Páginas de Estética e Teoria e Crítica Literárias* da Ática, de 1966, organizada por Georg Rudolf Lind e Jacinto Prado Coelho, mas nas edições diferentes essa atribuição é corrigida em resposta ao reparo crítico de Pinharanda Gomes. Recorde-se que excertos da correspondência com Marinetti constavam já do artigo de Leal *O Saudosismo e as Tendências Orfaicas* cuja publicação não pôde ser aceite pela revista *Atlântico*.

próprio pensamento que nós absolutamente condenamos. Não sou dessa opinião; desejo apenas que o pensamento se possa transcender a si próprio e atingir o estado supremo da Vertigem! Vós estais neste lado do pensamento (no estado próximo do pensamento); eu prefiro o seu puro outro lado...»

Se Raul Leal queria, como vimos, incluir o futurismo de Marinetti numa concepção muito mais ampla, profunda e escatológica, António Ferro, que, esse sim, fora um futurista próximo do poeta e doutrinário italiano, haveria por seu turno de procurar, embora num plano muito diferente, uma revalorização da Tradição, tão atacada por ele próprio nos anos de juventude em que escrevera o manifesto *Nós e A Idade de Jazz-Band*.

Nos aspectos culturais, estéticos e artísticos, a Política do Espírito pode e deve ser estudada e analisada independentemente da sua posição política, muito ligada ao Estado Novo e à figura de Oliveira Salazar, já que quanto a nós é, antes, uma intervenção pessoal, a acção criativa de um escritor originariamente futurista e oriundo do grupo do *Orpheu* e da amizade com Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa³³.

Este passo reitera a ideia já exposta desde os anos 50 segundo a qual a *Política do Espírito* de Ferro seria uma expressão da sua experiência com *Orpheu* e os futuristas, ainda que o futurismo se apresente para Leal como *supra*, *ante* e *pós-modernista* na medida em que o procurou integrar numa visão salvífica e escatológica da história.

Em *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*, de 1992, por sua vez, pode ler-se:

Aqueles que se tornaram familiares do que foi a paixão contemplativa e criadora de Pessoa, sobretudo nos últimos dez anos da sua vida, sabem que a experiência do transcendente não foi para o poeta um artifício, mas um confronto corpo a corpo com o seu anjo ou o seu génio. Para lá dos períodos do modernismo e da criação heteronímica, longos dias, longas noites e longos anos dedicou o poeta aos modos de hermetismo que poderiam dar-lhe um conhecimento do supra-científico, companheiros

33 QUADROS – PINHARANDA GOMES (eds.), *A Teoria da História...*, op. cit., vol. 2, pp. 48-52.

mais próximos, um Raul Leal, um Augusto Ferreira Gomes ou um Eliezer Kamenezki foram nesse tempo os seus interlocutores empáticos.

Conhecemos os três [...] de Raul Leal conservamos cartas contando-nos como Pessoa era afim do seu futurismo paracletianista, tendo traduzido a sua carta a Marinetti a este respeito³⁴.

As afinidades intelectuais que se registam neste trecho quanto ao interesse pela tradição hermética e pelas correntes heterodoxas do judaísmo manifestam-se nos prefácios que Pessoa redigiu para Augusto Ferreira Gomes, autor também de uma poesia profética e para Kamenzky. Não é o momento de apurar de que forma Pessoa relacionaria o hermetismo com o profetismo. Leal e Pessoa apreciam tais correntes, sem terem em conta as suas dimensões heterodoxas, porque o seu lugar de avaliação não é a ortodoxia. Quadros parece apontar a busca de uma prática hermética (antes já dita simbólica e não operativa) nestes autores como chave da sua leitura e compreensão. A relativização heteronímica resolver-se-ia nessa demanda que a superaria. A busca do *supra-científico* por parte de Pessoa, levaria a uma experiência da *Liberdade Transcendente* afinal, partilhada com Leal, que a teorizava já desde 1913.

V

A diversidade de ligações que Leal manteve ao longo da sua vida tem-nos levado a reconhecer que o seu pensamento parece ser irredutível aos movimentos com que foi dialogando, mesmo nos casos em que até declara a eles aderir, encomiasticamente os elogiando, mas manifestando matizes e contradições que impedem a sua identificação plena com qualquer corrente ideológica ou filosófica em estrito senso determinada. Leal mostra-se futurista mas propõe que o futurismo se assuma como atitude neo-religiosa; vê em *Orpheu*, mais que um projecto de renovação artística, a expressão de uma unidade metafísica; apresenta-se como monárquico mas combate o integralismo lusitano e o monarquismo organizado; saúda

34 A. QUADROS, *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*, Átrio, Lisboa 1992, pp. 108-109.

José Régio e a *presença* mas provoca uma crise no grupo por lá publicar o iconoclasta ensaio “A Virgem-Besta”; definia-se como religioso, mas distanciava-se da tradição dominante no seu país: não só não era católico como queria *ultrapassar* o catolicismo; propôs a fusão de todas as artes, que superaria o projecto da sua síntese; frequentou simultaneamente os surrealistas, conotados com uma visão política revolucionária e o grupo do *Tempo Presente*, associado a uma perspectiva reacionária; enviou cartas a Salazar exigindo, sem sucesso, que o Estado editasse os seus livros, mas publicava na *Contraponto* de Luiz Pacheco e na *Pirâmide* dos abjeccionistas. Apoiou *entusiasticamente* a ideia de *uma filosofia portuguesa*, mas apenas se esta se afirmasse universal e em si lograsse abarcar todas as filosofias do mundo, *as mais contraditórias*. Esta sua irreduzibilidade a grupos e movimentos deve ser relacionada com uma sua outra característica que tem sido insuficientemente notada: o estado actual do estudo da obra inédita de Leal permite-nos concluir que Leal procurou integrar cartas que redigia ou textos de circunstância, de crítica cultural ou intervenção pública, em projectos maiores que os contextualizam, enquadram e dão novo sentido. Leal visava uma *obra total* que integraria e assumiria todos os géneros literários possíveis. As suas obras mais ambiciosas, ainda inéditas, como *A loucura metafísica do incompreendido e a Religião Paracletiana*³⁵ são marcadas por quebras deliberadas no registo tético que interrompem o registo *filosófico* argumentativo pela inserção de apontamentos memoriais, narrativos e até anedóticos, como que infringindo a possibilidade de prossecução coerente e inequívoca de qualquer dos géneros literários individualmente considerados, questionando não só a sua virtualidade operativa como a sua aptidão *lógica* de dizibilidade da verdade possível, considerada imarcescível e vertiginosa.

35 Na actual Catalogação do Arquivo de Fernando Távora: FIMS 13.1. Apresentamos um excerto desta Obra memorial na revista em linha *Pessoa Plural*, de 2025.

ANEXO

RAUL LEAL³⁶

O nome de Raul Leal, injustamente envolvido numa atmosfera de desdém ou de esquecimento, começa agora a impor-se à admiração dos pensadores conscientes. Um livro, há alguns meses publicado, contém justo desagravo a este escritor que mereceu a atenta estima e a dócil amizade de Fernando Pessoa³⁷. Como outras personalidades da primeira metade deste século, também Raul Leal foi incompreendido pelos seus contemporâneos por, recusando-se nobremente seguir as normas caducas da opinião efêmera, obedecer ao destino do génio próprio.

No porvir, figurará este escritor entre a admirável plêiade de espíritos brilhantes que deram à primeira metade deste século uma superioridade incontestável sobre os literatos da segunda metade do século XIX. A incompreensão que por desventura ainda se manifesta perante o autor de *Liberdade Transcendente*, encobre, ou descobre, a fácil e ignara subordinação ao doutrinário sem originalidade dos oradores das Conferências do Casino. Decerto, esta mentalidade positivista, realista e socialista domina ainda o ambiente das expressões mais vulgares da nossa cultura. Em breve, porém, e já temos anúncios disso, se reconhecerá em Raúl Leal um dos mais originais e profundos filósofos portugueses, embora a descoordenação formal da sua obra se não coadune com as várias escolásticas preponderantes no nosso ensino superior. Numa opinião que admira como filósofos os professores Consiglieri Pedroso e Silva Cordeiro é natural que se não atribua ao talento de Raul Leal o valor metafísico que no seu pensamento intrínseco dificilmente se manifesta.

36 A seguinte *Nota* sobre Raul Leal, antecedendo o seu artigo, encontra-se publicada no primeiro fascículo da revista *Acto* de 1951, nº 1, p. 23. Não assinada, devemos atribuí-la aos responsáveis da revista, António Quadros e Orlando Vitorino, não sendo este o momento de averiguar minuciosamente da parceria dos dois na escrita deste texto.

37 A concisão da referência não permite esclarecer de que livro se trata. A título de hipótese recordemos que a primeira edição da *Vida e Obra de Fernando Pessoa. História de uma geração*, de João Gaspar Simões, saíra em 1950. Em resposta, Eduardo Freitas da Costa publica *Fernando Pessoa. Notas a uma biografia romanceada*, em 1951. Aí (p. 113), em réplica à ideia do isolamento social do Poeta, elenca-se Leal a par de Ferreira Gomes, Mário Saa e outros como suas dedicadas, leais e firmes amizades.

Tudo indica que, a exemplo do que já aconteceu para com outros filósofos portugueses igualmente inditosos, a obra de Raúl Leal venha a ser objecto de um estudo ordenado e sistematizador, Importa, porém, não confundir o trabalho que consiste na hermenêutica de um pensamento caracterizado pelo esoterismo da profecia com a exposição didáctica que dispense o leitor do obrigatório esforço de raciocinar por conta própria. Regra geral, quem diz que de um filósofo o pensamento é obscuro ou nebuloso, apenas confessa a incapacidade própria de discernir o que está acima da mentalidade vulgar.

Bastará uma mediana inteligência para compreender os tópicos fundamentais do artigo que *ACTO* noutro lugar publica. Faremos, porém, a alguns detractores da personalidade de Raúl Leal, a injúria de lhes explicar a súmula deste notável trabalho que constitui, até prova em contrário, a melhor interpretação portuguesa de um sentido essencial do pensamento helénico.

A parte agora publicada desse artigo (que no próximo número concluirá) é constituída por algumas lúcidas e penetrantes definições introdutórias.

Afastando, de início, algumas noções correntes de cinismo, Raúl Leal relaciona-o, originariamente, com a filosofia de Sócrates e Platão, no sentido em que alarga o desdém dessa filosofia pelo mundo sensível ao desprezo pelas formas imaginativas e concretas de todo o pensamento. Corresponderá este processo, segundo os cínicos, a uma superação da filosofia socrática na medida em que aspira, para além do mundo imaginal de Sócrates, ao puro Espírito absoluto e abstracto; mas por ser assim absoluto e abstracto, não se vá confundir o cinismo com um regresso ao espiritualismo eleático que consiste numa metafísica de carácter objectivista e ontológico, ao passo que o espiritualismo dos cínicos é ético e humanista e, com isso, fundado na original filosofia socrática e platónica.

Este é, pois, o ponto introdutoriamente essencial do discurso de Raúl Leal: saber o que de original representou, na história da filosofia, o pensamento de Sócrates. Eis o seu característico: a fundação da ética, ou seja a consciência plena do mundo de pensar. Já antes, nomeadamente nos eleatas, tal mundo era objecto de uma metafísica, mas esta só o considerava através da física, na sua face exterior, alheia ao pensar. Ora, pouco ou nada vale o que assim é considerado. O pensar o objecto não é alheio à existência do próprio objecto, mas este mesmo pensar o ergue, do mundo de determinação onde está, para o mundo livre do espírito onde o pensamento reside.

Com esta lúcida definição, Raúl Leal mostra que a filosofia de Sócrates e de Platão é a inicial formação de idealismo que só na obra de Hegel adquire a

mais perfeita expressão, e só no romantismo obtém a adesão da generalidade das almas.

No estilo universitário, qualquer escritor medíocre mas paciente poderia abonar esta tese de inúmeras citações literárias. Mas ao estilo ascendente de Raul Leal importa mais transitar para uma definição mais subtil: a que permite distinguir a filosofia socrática e a platónica.

Enquanto, fundando a ética, Sócrates identifica o progresso do pensamento com o pensamento moral e faz pois coincidir o Ser Moral com o Ser Pensante, a obra de Platão pode ser vista como um regresso à metafísica com a condição de a considerarmos, não como uma metafísica do inferior, mas como uma metafísica do superior: a ideação platónica substituiu a física eleática no pensamento abstracto ou – como Raul Leal diz com mais profundo sentido – abstraccionante das correspondentes filosofias.

Já agora, o leitor está apto a distinguir lucidamente o que caracteriza, como original, a filosofia de Sócrates e Platão, o que a separa da filosofia eleática na medida em que isso importa para apreender as consequências da mais tradicional teologia que Raúl Leal vai deduzir na continuação deste ensaio, através de um penetrante estudo do pensamento dos cínicos e do correlato pensamento dos estóicos, ambos referidos à filosofia heraclitiana.

Ensaio sobre *O sentido esotérico da história*

FILIPE CORTESÃO*

Raul Leal escreve em abril de 1962 o artigo «O Sentido Esotérico da História», o qual acabou por ser publicado no «Diário da Manhã» em 28 de maio desse mesmo ano. Nesse texto, de reduzida extensão, brinda-nos de forma concentrada com a sua transcendência, manifesta a consistência do seu pensamento e acima de tudo a clareza visionária que o distingue dos pensadores, filósofos, poetas, artistas e escritores da sua época, mais se diria que revela uma posição ímpar e transversal no tempo. Um tempo que não é cronológico, um tempo que é dos homens, deles e para eles, é neles, uma «criação, consciente ou subconscientemente inspirada por Deus»¹, um *animus* que exalta a sua completude primária, uma «Força Criadora, guiada por uma Razão Providencial, verdadeiramente Teleológica e tão íntima que tem mesmo um carácter oculto, esotérico»² que habita na natureza do homem enquanto dínamo cósmico.

O lugar que Leal ocupa estava reservado para si de um modo muito próprio. Com efeito, o seu modo, sintético como o faz, percebemo-lo olhando ao redor, onde apesar de haver «quem pense o Ser, quem pense a Natureza, quem pense o Homem, [e] quem pense a Ciência»³, ele, Leal, «não pensou nada disso específica e propriamente»⁴. Bem por outro lado, foi mais além, dir-se-ia mesmo, além e aquém, uma vez que «pensou tudo como se tudo fosse um todo só, uma bola redonda, e compósita e espessa, onde fosse quimicamente impossível distinguir a base dos associados e

* Aluno do Programa Doutoral em Filosofia e Mestre em Filosofia pela FLUP, Mestre e Licenciado em Economia pela FEUC, Investigador do Instituto de Filosofia da FLUP.

1 R. LEAL, «O sentido esotérico da história», in R. DE O.S. LEAL (HENOCH), *O Sentido Esotérico da História*, Livraria Portugal, Lisboa 1970, pp. 41-46, p. 41.

2 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 41.

3 J. PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem da utopia absoluta», in P. CALAFATE (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo 1, Caminho, Lisboa 2000, pp. 263-272, p. 267.

4 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 267.

dos catalisadores»⁵, uma espécie de paradoxo cósmico, para onde tudo converge e onde tudo diverge, onde o tudo e o todo se fundem sem que deixem de o ser.

No artigo «O Sentido Esotérico da História», é oferecida uma perspectiva sobre resultados históricos através de uma retrospectiva esotérica que busca conciliar e reparar um caminho de redenção, que permite concluir a obra inacabada, a ascensão da Humanidade ao sublime da sua existência. Portugal e os portugueses ocupam papel de destaque na reposição do equilíbrio entre a matéria e o espírito. De acordo com Raul Leal, existe uma «desorganização caotizadora»⁶, como o demonstrariam na época as convulsões em África, fruto do «estímulo da materialista ou podre impotência ocidental assim como, por outro lado, do orgânico e despótico ateísmo de Este»⁷. Tal impotência ocidental é reflexo de uma variedade e dinâmica universal, que não é de todo desconhecida a Leal, e se expressa no «complexo da Existência concreta, a que fazia sentir ao Homem a sua obliquidade, em imperfeição mundanal»⁸, abrindo-se portas a uma necessária universalidade, a qual «teria de ser apreendida a partir do esgotamento do Mundo»⁹, permitindo deste modo «exaurir a condição mutável, tornar nula a sensação de relação concreta, ultrapassada toda a possível relatividade»¹⁰. Neste sentido, a mundana materialidade profana a comunhão espiritual como vocação vexante ao se aproveitar da «fraqueza então gerada, [para] poder dominar, imperar – com pulso de ferro»¹¹. Raul Leal rejeita este mesmo domínio enquanto produto de um imperativo racional, determinístico de uma (des)ordem que recusa. Daí a sua recusa da «Razão», em resposta a Álvaro Maia ao afirmar que:

[...] esta (a Razão), procurando sempre determinar, delimitar precisamente tudo, a tudo põe limites, sendo a consagração herética do Limitado. Deus é o Infinito e impor o Limitado, como o impõe a sacrílega Razão, é negar

5 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 267.

6 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 41.

7 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 41.

8 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 267.

9 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 267.

10 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 267.

11 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 41.

Deus! Se o Infinito não vai contra limites é que ultrapassa metafisicamente todos os limites, obra da Razão que determina, que delimita, que *limita* tudo. O Infinito ultrapassa pois a Razão, é Ultra-razão em Vertigem¹².

Mergulhamos pela mão de Raul Leal num vórtice libertador de horizontes, barreiras e limitações que se vão impondo não pela força da razão do ser instituído, antes sim, sobretudo, pelo alvorar vertiginoso da relação una entre os opostos, uma vez que:

[...] na incindível relação contrástica de tudo com tudo, a radicação individual ético-ontológica permite, nessa máxima interioridade subjectiva, descobrir a objectividade pura de uma divinização absoluta que será sempre uma transcensão, uma vez que, não sendo monista ou panteísta, o Profeta destaca que entre o plano imanente e o transcendente existe uma distinção vertigica¹³.

O artigo em discussão releva a visão profundamente mística da evolução da humanidade e da própria história que alimenta Raul Leal e que este fundamenta na sua visão transcendente dos acontecimentos. Conforme afirma Leonardo Coimbra, numa investida contra Leal, o autor «quer chegar à verdade, ativamente convulsa, transcendendo todos os pontos de vista e todas as cousas»¹⁴. A dificuldade em compreender Leal inscreve-se precisamente aqui, nos debates que se erguem enquanto resultado dos contrastes, a saber, aqueles que o autor ultrapassa admitindo-os como dinâmicas de uma mesma razão, vetores de igual força e direção que apenas divergem no sentido, e como tal complementares, harmónicos, unos, «abolindo as distinções espaciais, temporais ou substanciais». Para tal, «Raul Leal reduz todas as realidades a ficções, se tomadas em si;

12 R. LOPO, «Raul Leal e Fernando Pessoa: Um Sublimado Furor Diabolicamente Divino», *Pessoa Plural* 3 (prim. 2013) 1-27, DOI: <https://doi.org/10.7301/Z0J38R1N>, p. 16.

13 P. VISTAS, «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem: A Propósito da Tentadora Atribuição do Título de “Surrealista” À Obra Lealina», in E. RODRIGUES – R. SOUSA (eds.), *A Dinâmica dos Olhares – Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal*, CLEPUL, Lisboa 2017, pp. 181-196, p. 195.

14 L. COIMBRA, «A Liberdade Transcendente de Raul de Oliveira Leal», *A Águia*, 2ª série 23 (nov. 1913) 160 (incluído em *Obras Completas (1913-1915)*, vol. II, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2005, pp. 138-139).

mas absolutamente reais, em virtude do ser, do eu, da mónada, que nelas se descobre, se recreia ou abisma»¹⁵.

Existe uma certa concepção estaminal ausente da «distinção entre o mal e o bem, pois não há, em rigor, senão múltiplas facetas, manifestações, momentos de si mesma, num movimento caleidoscópico, em que uns aspetos se transformam noutros, porque, na realidade, são sempre o mesmo ou brotam do mesmo, de si mesmo»¹⁶. Leal não concilia os opostos, ele admite-os, aceita-os na sua relação de oposição, dir-se-ia de posições polarizadas, como que fruto de uma necessária hermenêutica determinística: «em suma, a realidade é um todo unido, sem partes realmente distintas, cujos aspetos, infinitamente diversos no seu devir permanente, geram a Vertigem»¹⁷.

O artigo traz à tona a afinidade de Raul Leal com o Futurismo, concretamente o seu esforço para convencer Marinetti a abraçar um futurismo esotérico, mais espiritualizado. Com efeito, ele «nasceu, cresceu, atuou e pensou perante uma geração para a qual tudo aquilo que ele pensava constituía senão um resíduo inócuo e prejudicial daquele estado febril que levou tantos à visão do invisível»¹⁸, motivo que lhe valeu a tentativa de apagar o seu nome da história da revista *Orpheu*¹⁹. Nele há uma condenação do mundo moderno e uma antítese entre um Ocidente decadente e um Oriente ateu e despótico, fatores que ele vê como barreiras ao verdadeiro destino espiritual do homem. Denota-se uma concepção dialética da história, onde períodos de caos e destruição são seguidos por uma reação purificadora que conduz à redenção e ao retorno ao princípio espiritual, conforme aponta no caso do Império Romano: «dissolução materializadora, o Império Romano, tornado assim impotente, tornou-se pasto de bárbaros incoerentes»²⁰, uma vez que os povos germanos possuíam «características psicológicas em que imperava uma verdadeira vida profunda de alma»²¹, estendendo os seus mesmos considerandos

15 J. DOMINGUES, «Situação de Raul Leal», *Nova Águia* 16 (2º sem. 2015) 123-130, p. 125.

16 DOMINGUES, «Situação de Raul Leal», op. cit., p. 125.

17 DOMINGUES, «Situação de Raul Leal», op. cit., p. 125.

18 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 263.

19 Cf. LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 42.

20 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 41.

21 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 41.

aos russos por possuírem «as necessidades características vertiginosamente psicológicas para receberem o Paracletianismo»²², isto porque «a Vertigem é com efeito a suprema imprecisão anti-racional ou, antes, ultra-racional, das cousas mergulhadas no infinito de Deus [...] logo, a Vertigem é sagrada, é divina. O infinito é o Indefinido Absoluto, é a própria Vertigem que é assim Deus»²³, cabendo também a eles (russos) a missão de, «quando inspirados pelo Divino Paracleto, espalhar o meu Credo»²⁴, nada mais que o «Credo Português nos países muçulmanos do Médio Oriente e Norte de África, destruindo o Império do falso profeta Mohamed para imporem por fim o Verdadeiro»²⁵, colocando aqui a nu o luso-centrismo do seu pensamento, «de elogio das características fusio-nistas que estariam impressas no carácter psico-étnico português»²⁶, anunciando:

Queiram ou não queiram, será esse o Sentido Esotérico, o culto da próxima História Redentora, guiada providencialmente por Deus, essencializado em nós, Portugueses, que assim realizaremos o Sonho Sebastianista, o Sonho Paracletiano do Quinto Império Bíblico ou Terceiro Reino Divino²⁷.

Pinharanda ilumina os traços caracterizantes que Raul Leal em nada se esmera por retrain. Bem pelo contrário, torna-os evidentes, coloca-os em destaque a cada oportunidade de projetar a sua «vertiginificante Astralédia»²⁸, nada mais que o «lugar utópico onde os homens viverão após a vinda do Espírito, que tornará possível o domínio do universo astral pelo Homem»²⁹, ao identificar Leal como «irmão espiritual de Joaquim de Fiora, companheiro visionário de Bandarra, ouvinte exaltado António Vieira, confrade de Moros e Campanella»³⁰, herança que faz exhibir ao vislumbra-mento uma terceira era espiritual apenas possível no encalce da

22 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 42.

23 R. LEAL *apud* LOPO, «Raul Leal e Fernando Pessoa», op. cit., p. 16.

24 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 42.

25 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 42.

26 Raul Leal *apud* LOPO, «Raul Leal e Fernando Pessoa», op. cit., p. 6.

27 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 42.

28 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 42.

29 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 268.

30 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 263.

realização do Quinto Império, assente num crente sebastianismo enquanto força motriz que se faz imbuir duma utopia espiritual e mística.

Estamos, inevitavelmente, perante um «poeta visionário, talvez a mais genuína vocação de um radical expressionismo poético, sacrificado à especulação místico-heterodoxa»³¹, o qual revela «especial simpatia pelas concepções que valorizam a dinâmica do tempo, mormente o histórico, incluídas as variantes do messianismo, a ponto de se arvorar em profeta do Paracletianismo»³². Leal desenha objetivamente a emancipação do homem, ser humano, transcendendo-se a si ao alcançar patamares superiores da consciência que o elevam acima da materialidade da realidade aparente, onde se oculta o sublime, o uno, onde «não há possibilidade surreal pois tudo é já infinito, sendo tudo Deus»³³. Processa assim um salto intuitivo do ser para o ser-em-si, uma transmutação sem correspondência, vertiginosa, não-racional, mais concretamente alquímica que permite transformar o chumbo em ouro, isto é, não havendo lugar a:

[...] qualquer dicotomização que observe formas morais ou hierarquias de valores ainda extrinsecistas, integrando-se o bestial, o monstruoso ou a luxúria, sendo que a sua qualidade ética fica dependente do móbil do acto em sede de consciência e de instanciação espiritual, e não do acto em si mesmo considerado³⁴.

A profanação da sublimação do espírito ocorrida pelos povos africanos e na Ásia é para Raul Leal um «bem mal cozinhado produto de importação da Europa Ocidental»³⁵, fruto de «“méneurs” corruptos, demagógicos e baixamente interesseiros, enfim, vários lumumbas sanguinários [que] infestam essas regiões de negros e pardos»³⁶, cuja salvação encontra lugar e meio pela obra de um «*Predestinado*»³⁷. Alude assim ao ditador, Salazar, «apresentado como timoneiro da “Barca Triunfal

31 N. JÚDICE *apud* PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 267.

32 DOMINGUES, «Situação de Raul Leal», op. cit., p. 127.

33 VISTAS, «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem», op. cit., p. 194.

34 VISTAS, «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem», op. cit., p. 194.

35 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 43.

36 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 43.

37 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 43.

Lusitana”, um novo Noé enfrentando um Dilúvio Apocalíptico, agora decorrente de um conflito nuclear imputável à ambição das superpotências de dominar o Mundo»³⁸, pela mão de quem «o nosso Portugal, a nossa velha Lusitânia consolidará generalizadamente esta predestinação que é precisamente sua»³⁹, que é exatamente, nas suas palavras, a «divinização do Mundo»⁴⁰. Alinhando-se assim com os propósitos do regime, Leal «defendia a manutenção do Império ultramarino português, pois acreditava que Portugal tinha um papel de relevo no mundo: o de civilizar os povos autóctones, fruto da sua capacidade para os elevar espiritualmente»⁴¹, apenas possível através de uma elite de intelectuais ao comando salarazista:

[...] conduzidos pela sua Voz que “troará como Trompa Divina”, trarão a glória a Portugal, colocando-o na vanguarda da Civilização Paracletiana, conceção utópica em que o Estado é gerido por pensadores que sublimam a Vida, num paralelo estabelecido com a Idade de Ouro dos Descobrimentos portugueses⁴².

Seria eventualmente redutor apreciar aqui uma posição política de Raul Leal, até mesmo porque o próprio manifestar-se-ia como monárquico: «não só eu e Guilherme Santa Rita éramos monárquicos confessos (creio que também Sá Carneiro), mas igualmente o Fernando [Pessoa]»⁴³. É de recordar que o seu pensamento, a sua visão da realidade aparente, vai além dos círculos de Dante onde muitos se encontram mergulhados, enleados, «o vertigoso idealismo realista de Leal admite que a realidade jaz no inclassificável e no impreciso infinito ultra-racional de Deus, pelo que não se trata já de uma transfiguração gnóstica mas de uma mística anuência oblativa»⁴⁴. Estamos assim perante:

38 A. ALMEIDA, «“Salvé Salazar!” Uma carta de Raul Leal (Henoch) ao fundador do Estado Novo português», *Pessoa Plural*, 13 (prim. 2018) 73-86, p. 79.

39 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 44.

40 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 44.

41 ALMEIDA, «“Salvé Salazar!” Uma carta de Raul Leal...», op. cit., p. 81.

42 ALMEIDA, «“Salvé Salazar!” Uma carta de Raul Leal...», op. cit., p. 80.

43 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 43.

44 VISTAS, «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem», op. cit., p. 189.

[...] o sindicalismo personalista lealino, de alcance paracletico, [que] em muito sobrepuja o materialismo histórico, e, conquanto integra o comunismo como uma arquitrave de um sistema que combina ainda o individualismo e o fascismo, fá-lo de um modo em tudo incompatível com o esquerdismo sociométrico em causa no surrealismo, porquanto se apresenta antes como uma aristocracia natural, seguindo com alguma proximidade o modelo socrático-platónico⁴⁵.

No seu artigo, aqui em perspectiva, Raul Leal «profetizava a plena realização do Quinto Império Bíblico»⁴⁶, onde «o povo português era o candidato ideal a espalhar o Paracletianismo, dominando o mundo por obra do Espírito e não da Matéria como o faziam os americanos (capitalismo liberal) e os soviéticos (materialismo dialético)»⁴⁷. Contava para o cumprimento de tão augusta missão com a «Juventude»⁴⁸, uma vez que nela reside «uma grande massa de jovens, com espírito cada vez mais alto, [que] abomina tal perversão de carácter [de mentores e até traidores pseudodemocratas comunizantes] e crê exaltadamente na salvação purificadora da Pátria»⁴⁹, a Pátria que é «a unidade motriz do universo futuro. O Quinto Império, a vitória do Paracleto, a assunção final da suprema condição humana, liberta de pecado e de erro»⁵⁰, como também o é «aquele Portugal que, encarnando a consciência da errática condição humana, abra as portas a todos os homens e dê a cada um deles o vigor de saltar, ou de salvar, o Mundo»⁵¹, apoiando-se assim na «Mocidade Portuguesa» cujo fulgor a permitirá alcançar o *Amenti*, predestinada, salvadora da humanidade.

Deixa-se adivinhar uma viagem gnóstica, no seu sentido mais místico, do processo introspectivo de (re)conhecimento do eu, no vislumbre de Leal, desde o passado, passando pelo presente e chegando a um futuro, um futuro que é já hoje, é Leal, são três passos além das colunas que

45 VISTAS, «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem», op. cit., p. 190.

46 ALMEIDA, «“Salvé Salazar!” Uma carta de Raul Leal...», op. cit., p. 81.

47 ALMEIDA, «“Salvé Salazar!” Uma carta de Raul Leal...», op. cit., p. 81.

48 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 44.

49 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 44.

50 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 270.

51 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 270.

sustentam o templo universal, acontecendo na sua gradualidade esotérica, de caráter marcadamente iniciático, ou de saltos iniciáticos que têm a sua chave-mestra na iniciação desses mesmos neófitos da Pátria, num (re)encontro dialético consigo próprios, a ascensão à consciência-de-si enquanto processo hermenêutico que reacende a chama eterna ontológica da humanidade.

O artigo, «O Sentido Esotérico da História», expõe sobejamente um «pensador poético e poeta filosófico, [que] constitui um caso de pensamento solitário, sem óbvia relação contextual, e, portanto, um caso singular que funde pensamento e vida, ou imerge na mais radical subjetividade do ser»⁵². Esse seu artigo, como toda a sua obra, conta em particular com um sumo concentrado da sua transcendência, que «se dispõe no futuro, até porque futurar é transcender, e é esse o processo pelo qual Leal pretende aceder ao transcendente, objecto que acima de tudo visa, reconhece-se-lhe uma especial congenialidade com o futurismo»⁵³, motivo forte o suficiente para apossar-se do sentimento profético, autoproclamando-se de profeta, profetizando «um novo Reino, uma Teocracia Paracletiana»⁵⁴, onde a «Vertigem é a noção e a vivência congenital do Universo»⁵⁵, onde Portugal e os portugueses ocupam um papel determinante.

Se Leal marcou o futurismo, o futurismo certamente não será marca sua, seria defini-lo, impor-lhe limites, seria encontrar os polos do Universo, o mesmo que se funde com o Homem, onde o Homem se funde consigo próprio, o mesmo onde o poeta, o artista, o pensador, o filósofo, o Raul Leal se transcende!

52 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 271.

53 VISTAS, «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem», op. cit., p. 184.

54 M.P. DA SILVA, «Raul Leal, o filósofo “futurista” de Orpheu», *Estranhar Pessoa*, 2 (out. 2015) 110-119, p. 118.

55 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 268.

Análise da estrutura do pensamento de Raul Leal no artigo *Domínio das Elites*

LUÍS CARLOS VICENTE RAMOS*

Introdução: a estrutura de pensamento por detrás das ideias

A proposta que este artigo pretende fazer aos leitores é clara e distinta. Analisar o texto *Domínio das Elites*, datado de maio de 1961, do filósofo português Raul Leal (1886-1964).

Não obstante, o nosso objetivo no presente artigo não se prenderá com uma discussão das suas ideias (se o fizer será apenas indiretamente), as quais, numa primeira leitura mais superficial, podem parecer demasiado excêntricas. Aliás, essa excentricidade é apontada pela maioria dos seus estudiosos. Pedro Martins, no artigo «O demonismo na Revista *Orpheu*: Raul Leal e a novela vertigica “Atelier”», alude à sua «excentricidade estética e política»¹. Também Márcia Seabra Neves, no artigo «O teatro mínimo de Henoch. Uma leitura de *O Incompreendido* (drama psicopatológico em 3 actos e 4 quadros), de Raul Leal», chama a atenção para a excentricidade dos seus escritos, ao caracterizá-lo como «autor de uma obra extravagante, toda ela atravessada por um sopro religioso e filosófico»².

Neste sentido, pelo contrário, pretende-se deixar a superfície sobre a qual paira essa deleitosa e aparente excentricidade e extravagância e descer o mais fundo possível até à estrutura de pensamento de Raul Leal, sobre a qual se alicerçam aquelas que são as principais ideias do autor.

* Doutorando em Filosofia, Grupo Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal, Instituto de Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

1 P. MARTINS, «O demonismo na Revista *Orpheu*: Raul Leal e a novela vertigica “Atelier”», *Abril – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, 4.8 (jan.-jun. 2012) 141-152, DOI: <https://doi.org/10.22409/abriluff.v4i8.29728>, p. 142.

2 M.S. NEVES, «O teatro mínimo de Henoch. Uma leitura de *O Incompreendido* (drama psicopatológico em 3 atos e 4 quadros), de Raul Leal», *Forma Breve*, 5 (2007) 125-137, DOI: <https://doi.org/10.34624/fb.v0i5.6760>, p. 125.

Esperamos, deste modo, desmontar, refletir, ir além, ver onde se funda esta aura de extravagância comumente associada ao pensador português.

Metodologicamente, caminhando no sentido que esta proposta nos convida a percorrer, com vista a determinar a estrutura de pensamento de Raul Leal, procuraremos analisar o texto *Domínio das Elites* sob ponto de vista de dois principais vetores: a) tática; b) estratégia; com relação a quatro eixos temáticos: 1) igualdade, 2) minorias, 3) democracia, 4) guerra. A metodologia reflete a estrutura do artigo.

1. Tática

Em primeiro lugar, vamos começar por analisar como cada um dos temas é tratado em termos de tática.

Se analisarmos, cuidadosamente, as ideias do filósofo acerca de cada um desses temas, descobrimos, subentendidas, várias crenças que costumam estar ligadas ao senso comum. As ideias do nosso filósofo parecem não ser mais do que a inversão dessas ideias que costumamos encontrar com frequência ligadas ao senso comum. Ainda que o filósofo apresente justificações plausíveis para as ideias que ele próprio defende.

Podemos afirmar que a estratégia de Raul Leal se caracteriza, por um lado, pela inversão do senso comum e, por outro lado, pela tentativa de justificar as suas ideias inversas ao senso comum.

Assim, para cada um dos temas, vamos ver: (1) aquilo que são as crenças do senso comum; (2) aquilo que é defendido por Raul Leal e (3) a justificação de Raul Leal para aquilo que ele defende.

1.1. Igualdade

(1) Por um lado, encontramos no senso comum a ideia de que a igualdade consiste em se tratar de modo igual as pessoas colocadas em situações naturalmente desiguais. Por exemplo, se a pessoa A está colocada numa situação natural tal que ela tem pouca apetência para as artes e a pessoa B está colocada numa situação natural tal que ela tem muita apetência para as artes, estando A e B, por essa razão, colocados numa situação naturalmente desigual – segundo este critério de igualdade do senso comum, elas devem ser tratadas de modo igual, isto é, devem, por exemplo, ter as mesmas

oportunidades para ingressar numa carreira artística. E isto é assim, na medida em que partimos do pressuposto de que a apetência natural para as artes é algo que está para além das nossas escolhas, considerando-se injusto a nossa vida ser determinada por aquilo que não podemos escolher.

(2) Por outro lado, para Raul Leal, seguindo o que lhe ensinou, nas palavras do filósofo, «o velho dr. Calixto», seu «professor de Sociologia e Filosofia de Direito na Universidade de Coimbra» – a verdadeira igualdade (e na palavra «verdadeira» está contido o sentido de que esta é uma definição que se opõe a uma falsa igualdade, a qual, embora não explicitada pelo autor, pode muito bem ser essa que encontramos no senso comum) – escreve o filósofo, «consiste em se tratar desigualmente as pessoas colocadas em situações «naturalmente» desiguais»³.

Ou seja, continua o filósofo, «os que são, por “natureza”, melhores [...] nas artes, [...] devem, segundo esse justo critério, ter na vida e na sociedade uma situação superior à dos que são menos dotados»⁴.

(3) Esta ideia parece ser justificada pelo facto de esse critério ter em vista, nas palavras do filósofo, dar uma «equitativa recompensa ao [...] valor real, manifestado com o [...] trabalho, produtivo ou criador, num ou noutro campo»⁵ que é realizado por essas pessoas que são melhores por natureza, o que Leal considera ainda não acontecer.

1.2. Minorias

(1) Por um lado, encontramos no senso comum a ideia de que o poder, nas «assembleias», deve pertencer à maioria, e não às minorias, na medida em que isso é uma garantia mais sólida de que o bem individual não se sobrepõe nem invalida o bem geral.

(2) Por outro lado, Raul Leal considera que o poder, nas «assembleias», deve pertencer às minorias e não às maiorias⁶.

(3) Esta ideia parece ser justificada pelo facto de que, segundo escreve o filósofo, «o poder implacável das maiorias em quaisquer assembleias é

3 R. LEAL, «Domínio das Elites», in M.J. GANDRA (org.), *Profética Lusíada. A Idade Paracletiana*, Manuel J. Gandra – Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, Lisboa 2020, pp. 457-460, p. 457.

4 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 457.

5 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 457.

6 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 458.

hoje sempre absurdo e prejudicialíssimo», na medida em que, ao contrário das minorias, continua o filósofo, «essas maiorias são ainda formadas, em toda a parte do Mundo, mesmo a mais civilizada, pelos menos dotados e menos conhecedores dos princípios, no fundo filosóficos e éticos, do Direito e da Política»⁷. Assim, uma vez que, nas palavras de Raul Leal, «todas as maiorias dominantes são mais ou menos inferiores» – «só minorias, só “verdadeiras” Elites têm o direito natural de se impor ao mundo e à vida para grandeza e felicidade humanas»⁸. E, uma vez que essas verdadeiras elites não são mais do que os conjuntos daqueles, segundo escreve o filósofo, que são, por natureza, melhores nas ciências, nas artes, na política, na diplomacia, nas técnicas, no pensamento filosófico ou ético, enfim, na poesia – elas são, ao contrário das artificialmente fabricadas, verdadeiras Elites, porque são elites naturais, isto é, são os conjuntos minoritários constituídos pelos naturalmente melhores em cada uma dessas áreas⁹.

1.3. Democracia

(1) Por um lado, encontramos no senso comum a ideia de que uma das condições necessárias para haver verdadeira democracia é a existência de partidos, na medida em que eles permitem o diálogo e a confrontação de ideias diferentes, o que enriquece a discussão sobre os problemas que esses mesmos partidos têm como função resolver, representando os vários modos de pensar...

(2) Por outro lado, Raul Leal, afirma que «conceb[e] Parlamentos de místicos pensadores – sem partidos, sempre antidemocráticos por natureza»¹⁰.

(3) Esta ideia parece ser justificada pelo facto de o filósofo considerar os partidos «mais não serem do que rebanhos de carneiros submissos ou manadas de touros inconscientes, aguilhoados por campinos»¹¹. E isto porque, para Leal, «exprimindo etimologicamente a democracia o domínio do povo, é então o domínio dos indivíduos, das personalidades

7 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 458.

8 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

9 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 457.

10 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

11 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

que o constituem intimamente»¹², e não o domínio do coletivo ou a representação do povo através de grupos, conjuntos, ou agregados – tal como é o caso dos partidos. Para Leal, «o verdadeiro domínio do povo [...] só existe quando é distribuído pelos indivíduos que constituem esse povo, proporcionalmente ao seu valor pessoal, manifestado no seu trabalho e nas suas actividades»¹³. Para além disso, uma vez que o partido congrega tanto os naturalmente melhores, quanto os naturalmente piores, gerando isso uma situação em que, como escreve o filósofo, «os medíocres e inferiores [dominam] tanto como os manifestamente superiores»¹⁴, Leal considera que esta situação é prejudicial, na medida em que, escreve ainda,

estes não podem valorizar a sua acção convenientemente, visto ser então prejudicada pelo concorrente domínio imerecido dos outros, com evidente prejuízo da acção dominadora de todo o povo em geral que carece mais, evidentemente, para dominar, de acções superiores, amplamente expressas, do que das que são inferiores ou medíocres por natureza¹⁵.

1.4. Guerra

(1) Por um lado, encontramos no senso comum a ideia de que todas as guerras são eticamente reprováveis, uma vez que, tal como o próprio Raul Leal aqui também afirma concordar, o filósofo escreve que os seus «malefícios, mesmo ou sobretudo no campo ético, são por de mais evidentes»¹⁶.

(2) Por outro lado, Raul Leal também defende, contrariamente ao senso comum e contrariamente àquilo que ele próprio defendeu, que existem guerras «eticamente necessárias», as quais nos são impostas pelos «outros», devido, como ele escreve, às «suas inépcias e habilidades indecorosas»¹⁷.

(3) Esta ideia parece ser justificada pelo facto de o filósofo parecer derivar a utilidade ética dessas guerras do facto de elas, nas palavras do próprio autor «provocarem então não só altas manifestações de nobre

12 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 458.

13 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 458.

14 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 458.

15 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 458.

16 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

17 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 160.

heroísmo patriótico – ou religioso – como também movimentos progressivamente civilizadores de povos»¹⁸.

2. Estratégia

Em segundo lugar, vamos analisar como os temas são tratados em termos de estratégia.

O facto de, no capítulo anterior, as ideias virem acompanhadas de justificações plausíveis por parte de Raul Leal, pode dar a falsa impressão de que não é possível descer mais fundo em busca da verdadeira estratégia que estrutura essas ideias.

Contudo, eu penso que essa constatação é incorreta. E eu penso que isso é assim, na medida em que, se voltarmos a analisar atentamente o artigo, acredito que podemos descobrir, sem a necessidade de forçar aquilo que lá não está, (C) uma conexão entre cada uma dessas ideias invertidas ao senso comum e (B) as crenças pessoais do filósofo (A) sobre estados de coisas determinados – pelo que considero ser correto caracterizar a sua estratégia como tendenciosa. António Almeida, aliás, no artigo «A Visão Luxuriosa de Raul Leal, Profeta Sagrado da Morte e de Deus», reconhece que Raul Leal era «dotado de um temperamento impetuoso na defesa das suas convicções»¹⁹.

Nesta parte, por conseguinte, vou tentar sugerir, através desses três componentes, de que modo é possível encontrar este tipo de estratégia a respeito de cada um dos quatro temas analisados na primeira parte:

2.1. Igualdade

(A) O estado de coisas que motiva Raul Leal a utilizar a sua tática de inverter o senso comum parece ser, nas palavras do filósofo, «o caso de frequentemente se premiarem os que menos valem e menos se dignificam, *ao passo que se põem à margem, tratando-se até aos pontapés, os maiores valores*»²⁰.

18 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., pp. 159-160.

19 A. ALMEIDA, «A Visão Luxuriosa de Raul Leal, Profeta Sagrado da Morte e de Deus», *Pessoa Plural*, 12 (out. 2017) 134-168, DOI: <https://doi.org/10.7301/Z0ST7N1F>, p. 135.

20 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 457.

(B) A crença pessoal do autor sobre esse estado de coisas que parece motivá-lo a utilizar a sua tática de inversão do senso comum consiste no facto de Raul Leal – considerando-se a si mesmo um desses maiores valores postos à margem e tratados aos pontapés, na medida em que ele afirma que essa situação «tantas vezes se tem dado comigo» – julgar que isso são «injustiças flagrantes»²¹, e que ele, por conseguinte, também é acometido por elas.

(C) Assim, se o filósofo considera, enquanto tática, que os naturalmente melhores devem ser tratados de forma desigual em relação aos menos aptos, gozando de mais benefícios em relação a estes, é porque ele considera ser um dos naturalmente melhores e, por conseguinte, enquanto estratégia, é porque ele próprio, porventura, deseja ter mais benefícios do que os menos aptos e corrigir as injustiças das quais os naturalmente melhores, assim como ele, têm sido alvo.

2.2. Minorias

(A) O estado de coisas que motiva Raul Leal a utilizar a sua tática de inverter o senso comum parece ser um caso em que alguém, em determinados «papeluchos idiotas» dá conta, segundo escreve o filósofo, de «que o Governo Português tem desprestigiado a Nação por colocá-la sempre em minorias nas Assembleias Internacionais»²².

(B) A crença pessoal do autor sobre esse estado de coisas que parece motivá-lo a utilizar a sua tática de inversão do senso comum consiste no facto de Raul Leal considerar que essa ideia, como ele próprio escreve, «é um autêntico absurdo inqualificável, pois é, pelo contrário, uma enorme honra para nós estarmos em minoria nessas assembleias de ineptos e de interesseiros ignóbeis» e que «essa nossa situação de natural Elite Minoritária de povos modernos só nos prestigia grandemente, senhores derrotistas traidores, enchendo-nos do mais legítimo orgulho!»²³.

(C) Assim, se, enquanto tática, o filósofo desloca o prestígio das maiorias para as minorias, fá-lo, enquanto estratégia, a fim de protestar contra aquilo que é referido nesses mencionados papeluchos idiotas.

21 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 457.

22 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

23 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

2.3. Democracia

(A) O estado de coisas que motiva Raul Leal a utilizar a sua tática de inverter o senso comum parece ser a ideia da instauração de um «regime “graciano”, isto é, de “teocrática Monarquia da Graça do Espírito Santo”»²⁴.

(B) A crença pessoal do autor sobre esse estado de coisas que parece motivá-lo a utilizar a sua tática de inversão do senso comum consiste no facto de Raul Leal acreditar que esse é um regime melhor do que o regime partidário²⁵.

(C) Assim, se o filósofo, enquanto tática, desloca o carácter democrático do regime partidário para o regime graciano, fá-lo, enquanto estratégia, a fim de conferir legitimidade a esse tipo de regime que ele próprio idealizou.

2.4. Guerra

(A) O estado de coisas que motiva Raul Leal a utilizar a sua tática de inverter o senso comum no que concerne ao valor ético da guerra parece ser a guerra em África, mais precisamente, a guerra travada por Portugal em Angola.

(B) A crença pessoal do autor sobre esse estado de coisas que parece motivá-lo a utilizar a sua tática de inversão do senso comum consiste no facto de Raul Leal acreditar que essa é uma guerra não só justificável por parte dos portugueses, como necessária, na medida em que ela é, como escreve o filósofo, «o cumprimento altamente providencial da nossa sublimada missão no Mundo», a qual consiste em os «soldados de Portugal» serem «da Pátria, mais ainda, de toda a Humanidade, [...] os Divinos guias!», porventura, por causa dos anteriormente referidos «movimentos progressivamente civilizadores de povos», que ele atribui «[a]os Gregos, [a]os Romanos e, sobretudo,» comparando a ação militar desses povos com a ação militar do nosso povo, a «nós, Portugueses,» que, através da mesma, segundo escreve Leal, «temos sido admiráveis obreiros»²⁶ de tais movimentos.

24 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

25 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

26 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 460.

(C) Assim, se, enquanto tática, o filósofo defende, como vimos, agora através das próprias palavras de Raul Leal, que «são os outros que nos impõem guerras com as suas inépcias e habilidades indecorosas, tornando-as eticamente necessárias»²⁷, ele fá-lo, enquanto estratégia, para poder defender que, na medida em que esse é o caso que se passa agora em África, a guerra com Angola é eticamente necessária e, por conseguinte, é legítima e necessariamente travada.

3. Conclusão: um pensamento excêntrico?

Em suma, concluo que a estrutura de pensamento de Raul Leal no artigo *Domínio das Elites* é tal que ele se serve de (I) uma tática de inversão do senso comum, isto é, partindo de um (1) pressuposto proveniente do senso comum acerca de uma ideia determinada, ele (2) inverte o sentido dessa ideia e (3) justifica-a – como meio para cumprir a sua (II) estratégia tendenciosa, a qual consiste em (C) sustentar, teoricamente, as suas (B) crenças pessoais sobre (A) estados de coisas determinados, posto que uma tática fundada nas ideias defendidas pelo senso comum não seria favorável a essa estratégia.

Esta visão sobre a estrutura de pensamento de Raúl Leal, que incide sobre a destruição das crenças estabelecidas, procurando inverter o seu sentido original, alicerçada num movimento dialético que ao mesmo tempo destrói, reconstrói e sintetiza as ideias do senso comum, caracteriza-se também, neste sentido, pelo oxímoro: a igualdade desigual, a minoria democrática dominante, a democracia sustentada por argumentos antidemocráticos, a justa guerra injusta...

Assim sendo, pode o pensamento de Raul Leal ser reduzido, na sua essência, a uma mera excentricidade, hipótese colocada no início deste artigo? Pelo exposto, acreditamos que não, pois, como mostrámos, por detrás de uma aparente excentricidade, encontramos uma tática e uma estratégia argumentativas bem delineadas.

27 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

Referências Bibliográficas

- Almeida, A., «“Salvé Salazar!” Uma carta de Raul Leal (Henocho) ao fundador do Estado Novo português», *Pessoa Plural*, 13 (p./spr. 2018) 73-86. DOI: <https://doi.org/10.7301/Z05B010G>.
- Almeida, A., «A Visão Luxuriosa de Raul Leal, Profeta Sagrado da Morte e de Deus», *Pessoa Plural*, 12 (o./fall 2017) 134-168. DOI: <https://doi.org/10.7301/Z0ST7N1F>.
- Althaus-Reid, M., *Indecent Theology: Theological Perversions in Sex, Gender and Politics*, Routledge, Londres 2000.
- Barthes, R., *O prazer do texto*, Edições 70, Lisboa 1973.
- Blavatsky, H.P., «Letters from H. P. Blavatsky to Alexander Wilder, M.D.», in *Isis Unveiled*, Theosophical University Press, versão em linha 2019, app. 4. URL: <https://www.theosociety.org/pasadena/isis/iu2-ap4.htm>.
- Borges, P., *Do Vazio ao Cais Absoluto ou Fernando Pessoa entre Oriente e Ocidente*, Âncora Editora, Lisboa 2017.
- Cesariny de Vasconcelos, M., *O Virgem Negra*, Assírio & Alvim, Lisboa 1988.
- Coimbra, L., «A Liberdade Transcendente de Raul de Oliveira Leal», *A Águia*, 2ª série, 23 (nov. 1913) 160.
- Domingues, J., «Situação de Raul Leal», *Nova Águia*, 16 (2º sem. 2015) 123-130.
- Ferro, A., *Saudades de mim*, Bertrand, Lisboa s.d. [1957].
- Franco, A.C., *Poesia oculta*, Vega, Lisboa 1996.
- James, W., *The Varieties of Religious Experience. A Study in Human Nature*, Prometheus Books, New York 2002.
- Jones, R.H., *A History of Mysticism*, State University of New York Press, Albany 2024.
- _____, *Philosophy of Mysticism. Raids on the Ineffable*, State University of New York Press, Albany 2016.
- Kirk, G.S. – J.E. Raven – M. Schofield, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, trad. C.A. Louro Fonseca, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1994.
- Klobucka, A.M., «A propósito de Violante de Cysneiros: Orpheu, Nova Sapho e as poéticas e políticas de género no Modernismo português», *Estranhar Pessoa*, 2 (out. 2015) 120-136.
- _____, «Portugal's First Queer Novel: Rediscovering Visconde de Vila Moura's Nova Safo (1912)», *Journal of Lusophone Studies*, 4.1 (Spr. 2019) 40-63. DOI: <https://doi.org/10.21471/jls.v4i1.298>.
- Leal (Henocho), R. de O.S., *O Sentido Esotérico da História*, Livraria Portugal, Lisboa 1970.

- Leal, R., «A Aventura dum Satyro ou a Morte de Adonis», *Centauro* (Out.-Dez. 1916) 39-59.
- _____, «As tendências orfaicas e o saudosismo», *Tempo Presente*, 5 (set. 1959) 17-24.
- _____, «Atelier, novela vertígica», *Orpheu*, 2 (1915) 113-120.
- _____, «Cínicos e estóicos heracletianos», *Acto*, 2 (1952) 42-44.
- _____, *A Liberdade Transcendente*, Livraria Clássica, Lisboa 1913.
- _____, *Profética Lusíada. A Idade Paracletiana*, org. M.J. Gandra, Manuel J. Gandra – Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, Lisboa 2020.
- Lévinas, E., *De L'Évasion*, intro. e notas J. Rolland, Fata Morgana, Paris 1982.
- Lewis-Williams, D., *The Mind in the Cave. Consciousness and the Origins of Art*, Thames and Hudson, London 2016.
- Lima, Â. de, *Obra reunida*, ed. D.D. Braga – R. Lopo, BNP, Lisboa 2023.
- Lopo, R. – M.C. Natário – R. Epifânio (org.), *Raul Leal: Leitor de Fernando Pessoa, Leitor de Si Mesmo ou a Criação do Futuro. Textos sobre e para Fernando Pessoa*, U.Porto Press, Porto 2023.
- Lopo, R., «A Ideia e a Visão de Deus de Raul Leal: Introdução às dificuldades do seu estudo» in L. Xavier (org.), *A Questão de Deus na História da Filosofia*, vol. II, Zéfiro – CFUL, Lisboa 2008, pp. 1043-1052.
- _____, «Antonio Quadros no debate cultural português», in M. Ferro – P. Martins – R. Lopo (coord.), *António Quadros e António Telmo. Epistolário e Estudos Complementares*, Labirinto de Letras – Fundação António Quadros, Lisboa 2015.
- _____, «Astralédia ou a hiperestética do espasmo e da vertigem» in AA.VV., *Dos suicidados – O vício de humilhar a imortalidade*, edição Nuizis Zobop, Porto 2019, pp. 87-93.
- _____, «Ensaio de Leitura de Três Cartas de Raul Leal para Adolfo Casais Monteiro», in M.C. Natário – R. Epifânio – R. Lopo (coord.), *Casais Monteiro: Filosofia e Literatura*, IF-UP – DG Edições, Porto – Linda-a-Velha 2023, pp. 95-110.
- _____, «O Hiperesteta: Da Vertigem à Presença passando pelo Futurismo», *Arteteoria*, 20 (2017 [2020]) 41-72.
- _____, «Raul Leal e Fernando Pessoa: Um Sublimado Furor Diabolicamente Divino», *Pessoa Plural*, 3 (pr./spr. 2013) 1-27, DOI: <https://doi.org/10.7301/Z0J38R1N>.
- _____, «Vertiginismo, Orfismo e Saudosismo: aproximação sem *ismos* a Raul Leal» in A. Braz Teixeira – M.C. Natário – R. Epifânio (coord.), *Sobre a Saudade, V Colóquio Luso-Galaico*, Zéfiro, Sintra 2017, pp. 260-273.
- Martins, F.C. «Raul Leal», in F.C. Martins (ed.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Caminho, Lisboa 2008, p. 395.

- Martins, P., «O Demonismo na Revista Orpheu: Raul Leal e a Novela Vertígica “Atelier”», *Abril – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, 4.8 (abr. 2012) 141-152.
- Montalvor, L. de, «Tentativa de um ensaio sobre a decadência», *Centauro* (Out.-Dez. 1916) 7-12.
- Neves, M.S., «O teatro mínimo de Henoch. Uma leitura de O incompreendido (drama psicopatológico em 3 atos e 4 quadros), de Raul Leal», *Forma Breve*, 5 (2007) 125-137. DOI: <https://doi.org/10.34624/fb.v0i5.6760>.
- Nietzsche, F., *The Birth of Tragedy*, trad. W. Kaufmann, Vintage Books, Nova Iorque 1967.
- Pascoaes, T. de, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, intro. e ed. J. do Prado Coelho (*Obras Completas*, IX volume, Prosa III), Livraria Bertrand, Lisboa 1973.
- _____, *Verbo Escuro. A Beira (num relâmpago)*, (*Obras Completas*, VII volume), Livrarias Aillaud & Bertrand, Paris-Lisboa s. d.
- Patañjali, *Yoga-Sūtra*, 1.2, trad. e com. G. Feuerstein, Inner Traditions International, Rochester 1989.
- Pessoa, F., *Fausto. Tragédia subjectiva (Fragmentos)*, ed. T.S. Cunha, pref. E. Lourenço, Editorial Presença, Lisboa 1988.
- _____, *Obra Completa de Álvaro de Campos*, ed. J. Pizarro – A. Cardiello (2ª ed.), Tinta da China, Lisboa 2021.
- _____, *Obra Poética e em Prosa*, intro. e ed. A. Quadros e D. Pereira da Costa, Lello & Irmão Editores, Porto 1986.
- _____, *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, ed. T.S. Cunha, Presença, Lisboa 1994.
- _____, *Sensacionismo e Outros Ismos*, ed. J. Pizarro (*Edição Crítica de Fernando Pessoa*, vol. X), Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2009.
- Pinharanda Gomes, J., «Raul Leal: a vertigem da utopia absoluta», in P. Calafate (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo 1, Caminho, Lisboa 2000, pp. 263-272.
- _____, *A Escola Portuense*, Caixotim, Porto 2006.
- _____, *Raul Leal – Iniciação ao seu Conhecimento*, Guimarães, Lisboa 1962.
- Quadros, A. – Pinharanda Gomes, J. (eds.), *A Teoria da História em Portugal. O conceito de História* (vol. 1) e *A Dinâmica da História* (vol. 2), Ed. Espiral, Lisboa s.d. [1967-1968].
- Quadros, A., «A cultura portuguesa perante o existencialismo», in I. Quiles, *Sartre e o Existencialismo*, trad. L. Pestana (Coleção Arcádia, n.º 6), Editora Arcádia, Lisboa 1959, pp 7-39.
- _____, «O que é a “modernidade”? Carta a um crítico Anti-Moderno», *Acto*, 1 (out. 1951) 6-11.

- _____, *A Ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*, Fundação Lusíada, Lisboa 1989.
- _____, *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*, Átrio, Lisboa 1992.
- _____, *Introdução à Filosofia da História*, Verbo, Lisboa 1982.
- _____, *O Espírito da Cultura Portuguesa*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa 1967.
- Saa, M., *A invasão dos judeus*, Imprensa Libânio da Silva, Lisboa 1925.
- Silva, M.P. da, «Raul Leal, o filósofo “futurista” de Orpheu», *Estranhar Pessoa* 2 (out. 2015) 110-119.
- Soares, B., *Livro do Desassossego*, ed. Richard Zenith, Lisboa 1998.
- Sousa, E. de, *Mitologia. História e Mito*, apresentação C.M. César, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2004.
- Velasco, J. M., *El Fenómeno Místico. Estudio comparado*, Editorial Trotta, Madrid, 2003.
- Vistas, P., «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem: A Propósito da Tentadora Atribuição do Título de “Surrealista” à Obra Lealina», in E. Rodrigues – R. Sousa (eds.), *A Dinâmica dos Olhares– Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal*, CLEPUL, Lisboa 2017, pp. 181-196.
- Wilde, O., *The Picture of Dorian Gray*, Ward, Lock & Co., Londres 1890.

